

KOSMOS

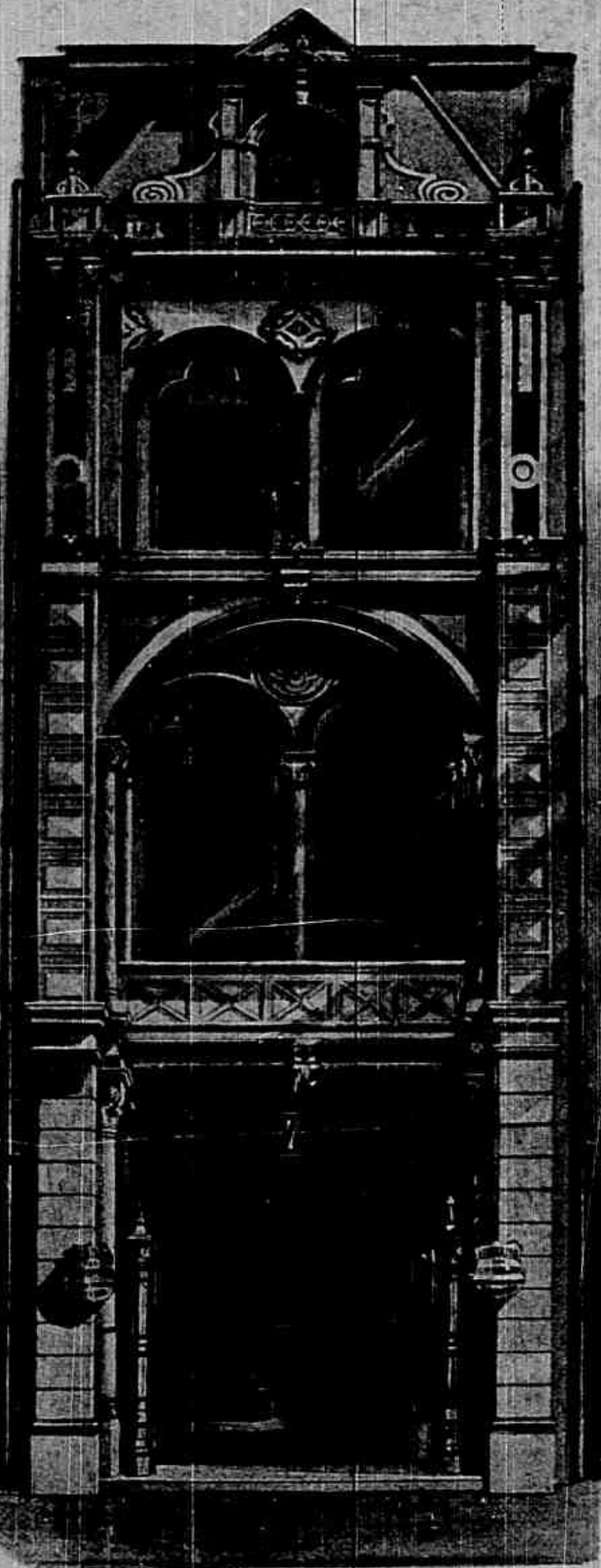
SUMMARIO

<i>Chronica</i>	<i>Olavo Bilac.</i>
<i>Missões - Cataractas do Iguassú</i>	
<i>Vida literaria - O anno passado</i>	<i>J. Verissimo.</i>
<i>Philosophando</i>	<i>Moreira Guimarães.</i>
<i>Canhões de tiro rapido</i>	<i>T. Coronel L. Barbedo.</i>
<i>Soneto</i>	<i>Olavo Bilac.</i>
<i>Uma excepcional estreia literaria</i>	<i>Liberato Bittencourt.</i>
<i>A questão feminina</i>	<i>Reis Carvalho.</i>
<i>Limites do Brazil e Bolivia</i>	<i>V.</i>
<i>Les voix intérieures</i>	<i>Francisco Braga.</i>
<i>11 e 20 (conto)</i>	<i>Medeiros e Albuquerque.</i>
<i>Olhos Humanos</i>	<i>Ataliba de Lara.</i>
<i>O theatro em 1903</i>	<i>Arthur Azevedo.</i>

A Equitativa

SEGUROS SOBRE A VIDA

TÉRRESTRES
MARITIMOS



SÉDE SOCIAL:

7 - RUA DA CANDELARIA - 7
RIO DE JANEIRO

APOLICES RESGATÁVEIS A DINHEIRO MEDIANTE SORTEIO

CONSIESTE ESTA COMBINAÇÃO EM FACULTAR AO SEGURADO O DIREITO DE RECEBER EM VIDA A QUANTIA SEGURADA, SEM QUE TENHA PARA ISSO QUE PAGAR MAIS PREMIO ALGUM ALÉM DOS DA TABELLA EM VIGOR. = PARA ESSE FIM EMITIRÁ ESTA SOCIEDADE APOLICES DE RS. 5.000\$000 CADA UMA, RECEBENDO, AQUELLES QUE SE SEGUAREM EM MAIOR QUANTIA, TANTAS APOLICES D'ESSA IMPORTANCIA QUANTAS FOREM PREGISAS PARA COMPLETAR O QUANTUM DE SEGURO DESEJADO. = EM CADA ANNO SERÃO SORTEADAS TANTAS APOLICES QUANTOS FOREM OS GRUPOS DE CEM QUE TIVEREM O PREMIO ANNUAL PAGO, NA DATA DO SORTEIO, = O SEGURADO PELA APOLICE SORTEADA RECEBERÁ INTEGRALMENTE EM DINHEIRO A IMPORTANCIA SEGURADA. = O SEGURADO QUE, SORTEADO, CONTINUAR COM A SUA APOLICE EM VIGOR, PODERÁ SI QUIZER, CONCORRER A TANTOS SORTEIOS QUANTAS VEZES A RENOVAR. * * * * *

RELAÇÃO DAS APOLICES RESGATADAS EM DINHEIRO EM VIDA DO SEGURADO, ATÉ 15 DE ABRIL DE 1903

Apolice	NOME DO SEGURADO	RESIDENCIA
4473	Eliseo Becco.....	Fortaleza, Ceará
4719	D. Rosa de Moura Pinheiro	Aracaty, Ceará
4812	Dr. Estevão José de Siqueira	Victoria.
6069	João Julio Tameirão.....	Th. Ottoni.
6106	Nagib Saed Lassmar.....	Alto Parús.
6364	Alfredo Alves Bentes.....	Manãos.
6409	Dr. Annibal Teixeira de Carvalho.....	Capital Federal
6448	D. Emilie Bentes.....	Manãos.
6488	Dr. J. Pedreira do Coutto Ferraz Junior.....	Capital Federal
7070	Adolpho de Almeida Guimarães (*).....	Maceió.
7199	Antonio Ferreira de Queiroz	Espirito Santo
7260	Carlos Hervad von Schwerin	Porto Alegre.
8470	Heinrich Kerner.....	Cachoeira, Bahia
8628	Manoel Francisco Santiago	Alto Parús.

(*) Este segurado preferiu receber uma apolice salda de Rs. 11.423\$000 pagavel por morte.

A apolice de resgate em dinheiro, de exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em seguro de vida.

Todos os sorteios são publicos e são dirigidos pelos representantes da imprensa.

PEDIR PROSPECTOS

SUCCURSAES EM TODOS OS ESTADOS DA UNIAO

1º BARATEIRO

A MODA é eternamente victoriosa. Mudando sempre, e sempre triumphante. Uma casa commercial que tenha sempre a Moda representada em todos os seus artigos, é uma casa notavel. E quem a mantém inalteravelmente digna da admiração do publico, chega a recommendar-se como negociante excepcional.

Ha na rua dos Ourives canto da rua do Rosario dois estabelecimentos, um puramente de fazendas e artigos de moda, outro de roupas brancas e vestidos de criança. Talvez no Rio de Janeiro não existam outros iguaes.

A belleza e immensa variedade de tudo que ali é exposto á venda, justifica a extraordinaria freguezia que as duas casas têm. Nas vitrinas de uma, resplandecem tecidos do mais delicado e fino gosto; e ainda do lado da rua de Rosario, em frente á igreja da Conceição e Boa Morte, outras vitrinas se offerecem repletas de artigos decorativos da belleza feminina. Nas vitrinas da casa de roupas brancas, por entre atalhados e camisaria, lenços, cretonnes e bretanhas de linho, fulguram as mais graciosas, encaustadoras roupas de criança, vestidinhos elegantes, costumes de todos os preços, alguns, até, de preço tão diminuto que dá vontade de os comprar e offerecel-os, mesmos não se tendo filhos para vestir.

Porque a grande notoriedade destes dois estabelecimentos reside precisamente na circumstancia de proporcionar sempre compras felizes. O dono ou donos que essas casas possuem tiveram a felicidade de escolher para denominação dos estabelecimentos as palavras — AO 1º BARATEIRO — e correspondem com exactidão ao que essas palavras significam.

É NA RUA DOS OURIVES, CANTO DA DO ROSARIO

AGUIA DE OURO

Casa Especial de Roupas Brancas

PARA

HOMENS E SENHORAS

ARTIGOS PARA CRIANÇAS

Variedades em blusas e cintos

A. NUNES

135, RUA DO OUVIDOR, 135

RIO DE JANEIRO

CASA DOUZ

TAPEÇARIAS E MOVEIS

Artigos de Fantasia

Benac, Teixeira & C.

Armadores e Estofadores

RUA DO OUVIDOR, 60

FABRICA

RUA DA CONSTITUIÇÃO, 66

TELEPHONE 729

Endereço Telegraphico BENAC

RIO DE JANEIRO

A Notre-Dame de Paris

Desejando diminuir o mais possivel o seu « stock » de fazendas e modas, antes do balanço annual, afim de adoptar nova organização para as suas vendas, o estabelecimento faz, de 1º do corrente em diante até o fim desta

ULTIMA GRANDE VENDA

um desconto suplementar e definitivo de 10% indistinctamente sobre os preços, já muito reduzidos, marcados em todas as mercadorias, quer antigas, quer recentes.

RUA DO OUVIDOR, LARGO DE SÃO FRANCISCO E TRAV. DO ROSARIO.

BOERSEN-HALLE

AMERICAN DRINKS

Bebidas de primeira Qualidade

CHOPPS

Comidas Frias e Quentes

Especialidade em Sandwichs

LUNCH-ROOM

WARME und KALTE SPEISEN

Garantirt Aechte Getraenke

BIER

Vom Fass Butterbroede

In Groesster Auswahl

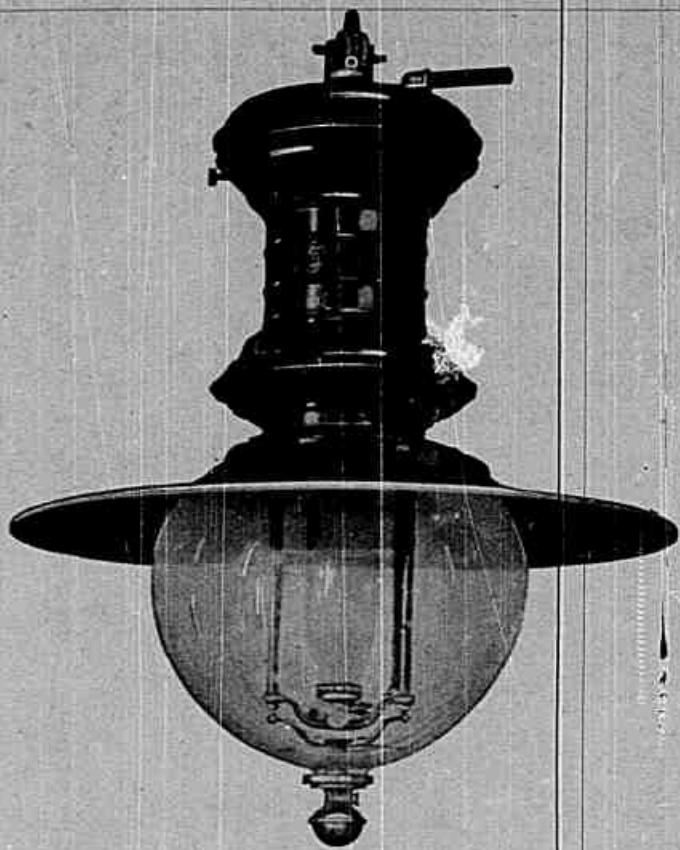
Frühstücks-Stube

Proprietario: ALBERTO PRECHEL

107 - RUA DA QUITANDA - 107

RIO DE JANEIRO

KÓSMOS



REPRESENTANTES
DAS SEGUINTE FIRMAS:

GENERAL ELECTRIC CO.
APPARELHOS ELECTRICOS PARA FORÇA E LUZ

PELTON WATER WHEEL CO.
RODAS DE AGUAS, TURBINAS, &

Mc INTOSH SEYMOUR & CO.
MACHINAS A VAPOR

BABCOCK & WILCOX CO.
CALDEIRAS A VAPOR

THE PECKHAM MANUFACTURING CO.
TRUCKS PARA CARROS E VAGÕES

THE CHLORIDE ELECTRICAL STORAGE
COMPANY LTD.
ACCUMULADORES ELECTRICOS

A. L. IDE & SONS
MACHINAS A VAPOR "IDEAL"

CHICAGO PNEUMATIC TOOL COMPANY
MACHINAS E FERRAMENTAS DE AR COMPRIMIDO

CLEVELAND TWIST DRILL CO.
BROCAS AMERICANAS

L. S. STARRETT CO.
FERRAMENTAS FINAS

CINCINNATI TOOL CO.
FERRAMENTAS

FAY & EGAN CO.
MACHINAS DE TRABALHAR EM MADEIRA

GLOBE WERNECKE CO.
MOBILIA DE ESCRITORIO

LOZIER MOTOR CO.
MOTORES E LANCHAS DE GAZOLINA

WORTHINGTON PUMPING ENGINE CO.
BOMBAS A VAPOR

MIETZ & WEISS
MOTORES A GAZ E KEROZENE

HAMMOND TYPEWRITER CO.
MACHINAS DE ESCREVER

VICTOR TALKING MACHINE CO.
GRAMOPHONES E ACCESSORIOS

EASTMAN KODAK COMPANY
APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS

IMPORTADORES DE
MACHINAS PARA OFFICINAS E APPARELHOS
ELECTRICOS DE TODAS AS QUALIDADES

ASCHOFF & GUINLE

* * * * * SUCCESSORES DE JAMES MITCHELL & C. * * * * *

Engenheiros

Mechanicos

Hydraulicos

e Electricistas

Importadores de

Machinas e

Manufacturas

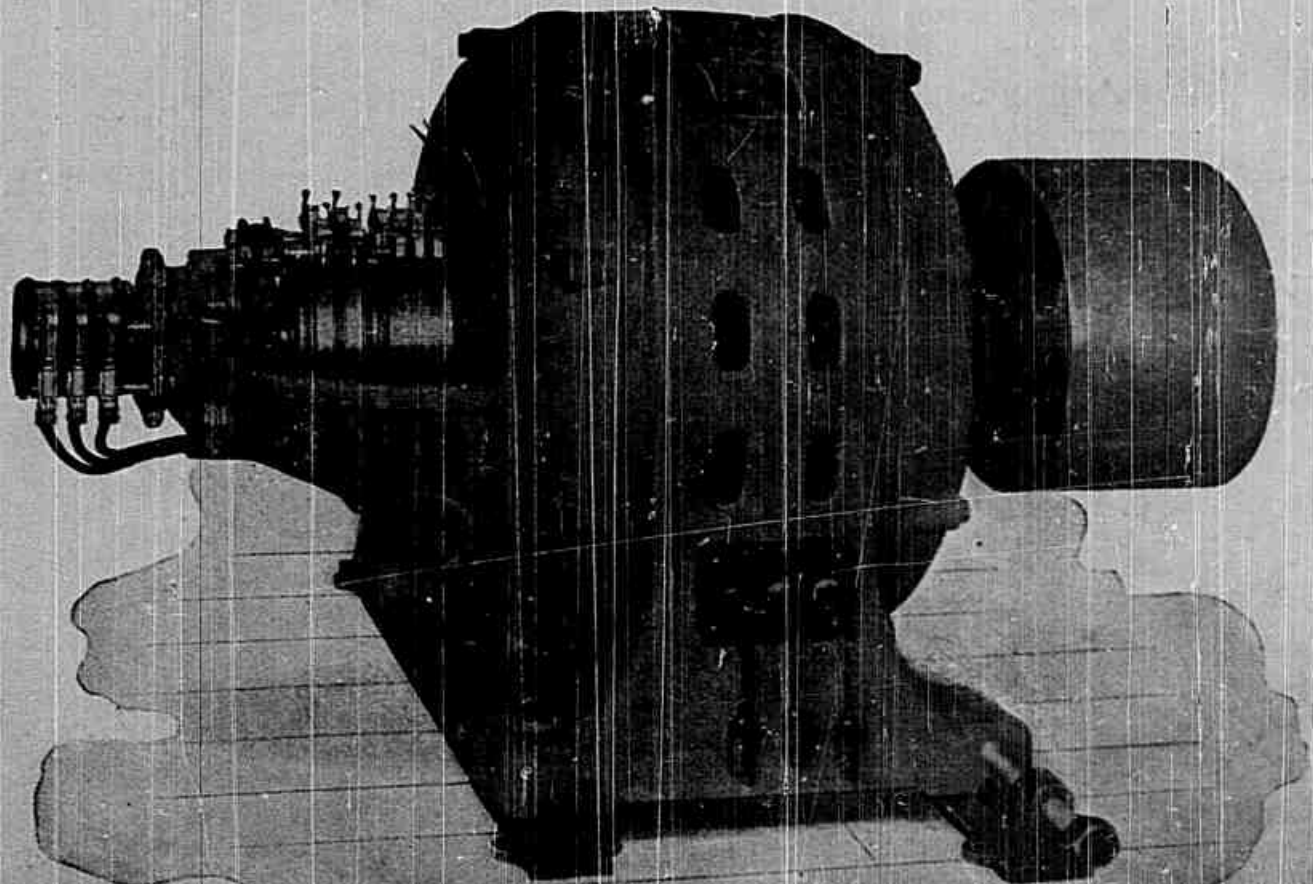
Norte-Americanas

55 ~ Rua do Ouvidor ~ 55

* * * * * RIO DE JANEIRO - BRAZIL * * * * *

RUA DIREITA N. 7, S. PAULO

OFFICINAS E DEPOSITO: RUA NOVA DO OUVIDOR, 13



CIGARROS AMOROSOS

— DA FABRICA PARAISO —

SÃO OS MELHORES DO MUNDO!

As carteirinhas d'estes Cigarros contêm
 ~ ~ lindissimas collecções de ~ ~
 Estampas Coloridas e Chromos de Seda.

Encontram-se á venda em todas as casas de varejo

* * * * * E NA FABRICA Á * * * * *

75 — Rua Dr. Manoel Victorino — 75

* * * * * ENGENHO DE DENTRO * * * * *

Carvalho & Magalhães

CASA SANTOS

110, RUA DO OUVIDOR, 110

Casa especial em artigos para homens

ALFAIATARIA DE 1.^ª ORDEM

ARTIGOS INGLEZES E FRANCEZES

Recebe por todos os vapores as ultimas novidades

ARTIGOS DE LUXO

PREÇOS SEM COMPETIDOR

F. DOS SANTOS

CHARUTOS

JEZLER & HOENING

As melhores marcas de charutos
 d'estes fabricantes são as denominadas:

CONCORDIA, CREME DA BAHIA, IRMÃS,
 AROMATICOS, BENJAMIN, BANQUEIROS
 ~ SELECTOS, VICTORIA, LA MAR. ~

NÃO CONTEM NICOTINA

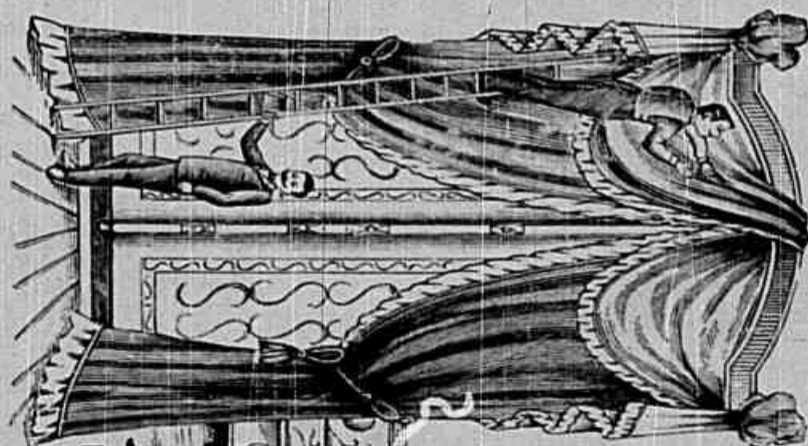
— Muito aromaticos, de bom —
 paladar e especialmente hygienicos.

À VENDA EM TODAS AS CHARUTARIAS

* * * * * E NO DEPOSITO DOS * * * * *

Agentes BOREL & COMP.

62 — RUA DA QUITANDA — 62



TAPEÇARIAS E MOVEIS

22A RUA DA QUITANDA 22B
 ESQUINA DO BECCO DO CARMO

ARTHUR LEITÃO

RIO DE JANEIRO

ESTE ESTABELECIMENTO TEM UMA BEM ORGANIZADA OFFICINA DE
ARMADORES E ESTOFADORES

ESPECIALIDADE
 EM CORTINAS, REPOSTEIROS
 ARMADORES PARA JANELLAS
 CORTINADOS PARA CAMAS
 PELLERES, TAPETES, ESTERAS
 E OLEADOS PARA FORRAR
 SOALHOS —
 GRANDE VARIEDADE DE
 MOVEIS E TODOS OS
 ARTIGOS PROPRIOS
 PARA ORNAMENTAR SALLA
TUDO BOM E BARATO

KÓSMOS

REVISTA ARTÍSTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL 20\$000
NUMERO AVULSO 2\$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO I

JANEIRO 1904

N. 1

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS PELOS NOSSOS COLLABORADORES



Apresentando ao publico o primeiro numero de nossa Revista, entendemos não haver necessidade de, obedecendo ao que preceituam antigos usos, traçar o programma de seus trabalhos, de sobra expressos o seu character, a sua indole, pelo nome que lhe demos.

Ha, entretanto, algo a dizer. Não tentaremos attrahir o favor publico com promessas, as mais das vezes fallaciosas; contando conquistal-o, primeiro buscaremos merecel-o, até que factos se encarreguem de justificar os nossos propositos.

Tomando por modelo as mais notaveis publicações illustradas europeas e norte-americanas, lutando com incriveis embaraços em um meio como o nosso tão mal aparelhado para semelhantes emprezas, coagidos a reunir em nossas officinas os mais variados ramos das artes graphicas, que em mais adiantados centros constituem verdadeiras especialidades, queremos fazer das paginas de *Kósmos*, um artistico album das nossas bellezas naturaes, dos primores de nossos artistas, propagando o seu conhecimento a outros pontos do paiz e do estrangeiro.

Alheios inteiramente ás lutas politicas, guardará nossa Revista, nesse terreno, que por sua natureza lhe é vedado, inteira neutralidade, registrando os acontecimentos politicos sem comtudo ultrapassar os limites da chronica.

Franqueamos suas paginas a todas as manifestações intellectuaes, esperando assim, modestamente, cooperar para o desenvolvimento e progresso de nossa terra; e nem poderá ser taxada de immodesta essa esperança, dadas as preclaras intelligencias que nos prometteram collaboração.

A' Imprensa brasileira, a cujo seio se acolhe, envia *Kósmos* as suas mais carinhosas saudações.

E agora, aos Mestres, a palavra.

Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1904.



MAIS de quatro seculos nos separam do tempo em que os impressores de Moguncia e Strasburgo, — espalhando pela Europa algumas folhas volantes, com as noticias da guerra entre gregos e turcos e das victorias do Sultão Mahomet II, — crearam o vehiculo rapido do pensamento humano, a que se deu depois este curto, magico, prestigioso e expressivo nome: “jornal.” Aquelles boletins dos discipulos e continuadores de Guttemberg foram, de facto, o nucleo gerador d’esta immensa e dilatada imprensa de informação, que avassalla a terra, dirigindo todo o movimento commercial, politico e artistico da humanidade, pondo ao seu proprio serviço, á medida que apparecem, todas as conquistas da civilisação, augmentando e firmando de anno em anno o seu dominio, — e chegando a ameaçar de morte a industria do livro, como acabam de confessar a um redactor de “La Révue” todos os grandes editores da capital franceza.

Quem está matando o livro, não é propriamente o jornal: é, sim, a revista, sua irmã mais moça, cujos progressos, no seculo passado e neste começo de seculo, são de uma evidencia maravilhosa. Mas “jornal” e “revista” confundem-se, formando juntos a provincia maior da imprensa, e aperfeiçoando-se juntos, numa evolução continua, que ninguem pode pre-

ver quando nem como alcançará o seu ultimo e summo estadio.

Justamente, agora, nos ultimos dias de 1903, dois physicos francezes, Gaumont e Decaux, acabam de achar uma engenhosa combinação do phonographo e do cinematographo, — o chronophono, — que talvez ainda venha a revolucionar a industria da imprensa diaria e periodica. Diante do aparelho, uma pessoa pronuncia um discurso: o chronophono recebe e guarda esse discurso, e, d’ahi a pouco, não somente repete todas as suas phrases, como reproduz, sobre uma téla branca, a figura do orador, a sua physionomia, os seus gestos, a expressão da sua face, a mobilidade dos seus olhos e dos seus labios.

Talvez o jornal futuro seja uma applicação dessa descoberta... A actividade humana augmenta, n’uma progressão pasmosa. Já os homens de hoje são forçados a pensar e a executar, em um minuto, o que os seus avós pensavam e executavam em uma hora. A vida moderna é feita de relampagos no cerebro, e de rufos de febre no sangue. O livro está morrendo, justamente porque já pouca gente pode consagrar um dia todo, ou ainda uma hora toda, á leitura de cem paginas impressas sobre o mesmo assumpto. Talvez o jornal futuro, — para attender á pressa, á anciedade, á exigencia furiosa de informações completas, instantaneas e multiplicadas, — seja um jornal fallado, e illustrado com projecções animatographicas, dando, a um só tempo, a impressão auditiva e visual dos acontecimentos, dos desastres, das catastrophes, das festas, de todas as scenas alegres ou tristes, serias ou futeis, d’esta interminavel e complicada comedia, que vivemos a representar no immenso tablado do planeta...

*

Por agora, — enquanto não chega essa era de supremo progresso, contentemo-nos com o que temos, que já não é pouco...

Kósmos, — a revista, que apparece hoje, e cuja primeira *Chronica* escrevo, para attender a amavel convite, — não seria uma novidade na Europa ou na America do Norte, onde o *magazine* illustrado é hoje uma maravilha, em variedade de materia litteraria e artistica, em perfeição de processos graphicos, e em exiguidade de preços. Mas, no Brasil, creio que ella vem assignalar um progresso grande.

Ainda, ha pouco mais de um anno, este mesmo chronista, a proposito dos bilhetes postaes vendidos pela Administração dos Correios, registrava com espanto e magua o inexplicavel atrazo das artes graphicas no Rio de Janeiro. Uma reacção, inesperada e feliz, veio subitamente mudar a face das cousas. Em poucos mezes, ganhámos, n'este particular, o que não conseguimos ganhar em muitos annos. *Kósmos* será, se o favor publico não a abandonar, a demonstração viva do nosso progresso geral: haverá, nas suas paginas, a prova de que as publicações de luxo, até agora possiveis apenas no estrangeiro, podem ser feitas aqui, com grande sacrificio sem duvida, mas com uma nitidez perfeita. Claro está que a administração da revista não póde realisar, neste primeiro numero, quanto deseja e ha de fazer. Dizem os livros santos que Deus, — e era Deus! — não poude apromptar a machina do Universo em menos de seis dias: e não se hade exigir um milagre de perfeição e de pressa do trabalho humano, contingente e fraco...

Em todo o caso, *Kósmos*, se não vem "preencher uma lacuna", como dizia um chavão, que o uso desmoralisou, — vem mostrar uma face nova da actividade brasileira.

O Brasil entrou, — e já era tempo, — em uma phase de restauração do trabalho. A hygiene, a belleza, a arte, o "conforto", já encontraram quem lhes abrisse as portas d'esta terra, de onde andavam banidas por um decreto da Indifferença e da Ignorancia colligadas. O Rio de Janeiro, principalmente, vae passar, e já está passando, por uma transformação radical. A velha cidade, feia e suja, tem os seus dias contados. Esta revista acompanhará, — se o publico quizer auxiliá-la, — essa lenta e maravilhosa metamorphose da

lagarta em borboleta. A photographia, o desenho, a arte da gravura, e todas as bellas conquistas da imprensa moderna, serão aqui postas ao serviço do programma de *Kósmos*: e estas paginas serão uma placa sensivel em que se irão fixando todas as imagens, todos os aspectos, todas as mudanças da nossa vida, nesta éra de regeneração e reabilitação material e moral. São esses os projectos que a administração me communica: e communica-m'os com um tal ardor, com tão grande fé, com uma tão risonha e bella certeza da victoria, — que eu não quero negar-lhe o meu applauso e a minha contribuição de trabalho. Isso explica a minha presença.

*

Kósmos apparece com o anno-novo, e o anno-novo ainda não tem historia. O que se póde registrar, n'esta primeira chronica, é apenas o mundo de esperanças que elle traz, comsigo, áquelles que ainda teem a felicidade de esperar.

E ai de quem não espera!

O fundo, a natureza, a essencia da vida não variam nunca: mas os episodios variam sempre. A vida é como a Terra. No inverno como no verão, na primavera como no outono, a Terra é sempre a mesma: mas que diversidade de aspectos! agora, o livor e a algidez da neve amortalhando tudo; agora o sol torrando as arvores, seccando os rios; agora, a natureza, moça e pubere, no esplendor das folhagens que renascem; agora, a fecundidade gloriosa da sazão dos fructos... Tambem as almas teem as suas estações: ninguem sabe qual será o seu ultimo inverno, nem qual será a sua derradeira primavera! Esperemos! e saudemos o anno infante...

Que é a existencia, senão uma viagem cheia de incidentes? — E' como uma jornada, em estrada de ferro... O trem galopa; os minutos passam, morosos e monotonos; o tédio cresce dentro da alma; o canção alquebra o corpo: — quando chegará a primeira estação?... Um silvo agudo, uma parada brusca da machina... Ahi está uma estação, ahi está um anno novo! Abrem-se todas as janellas dos wagons; assomam cabeças curiosas, espiando a paisagem, olhando

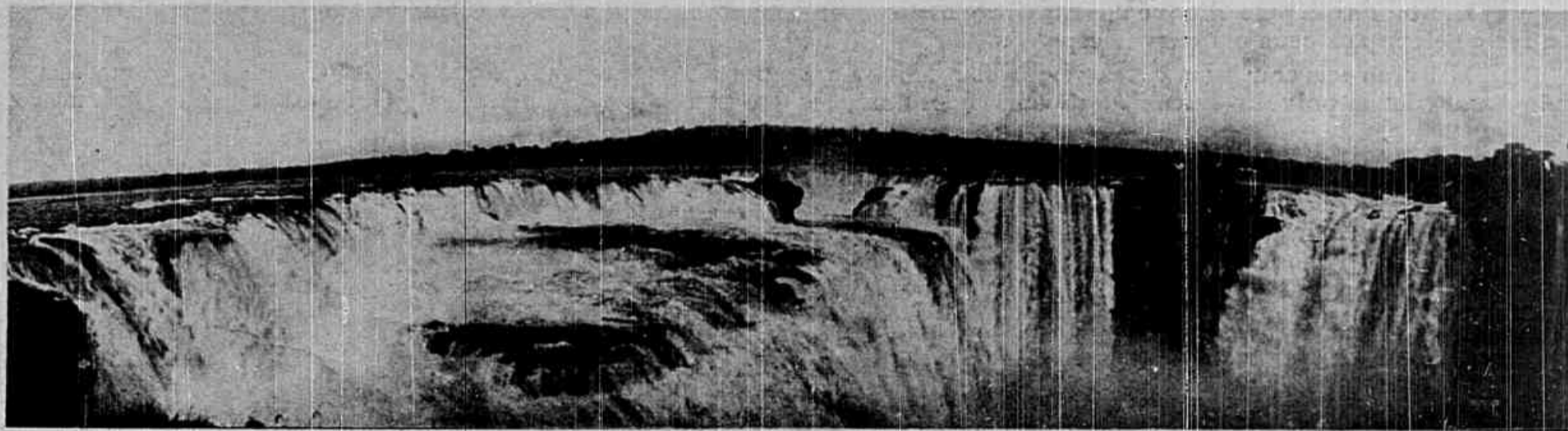
o aspecto da gare, examinando a physionomia das gentes da terra... Quem sabe? talvez vão apparecer alli, de chôfre, a mulher que nos amará, o incidente que nos ha de dar a gloria, o negocio que fará a nossa fortuna.. Não appareceram? pouco importa! — silva de novo a locomotiva, move-se de novo o comboio, recomeça a viagem, recomeça o tedio, — e recomeça a esperança: a caminho para uma nova surpresa, para uma nova estação, para um novo anno!

Por mim, ao inaugurar a serie das chronicas de *Kósmos*, o que posso pedir aos deuses clementes, e principalmente ao cégo Destino, é que n'estas columnas só tenham de ser registradas e commentadas

cousas alegres e serenas. Que ás paginas da nova revista não seja imposto o dever doloroso de tratar das explosões do odio e da ambição, nem das manifestações da brutalidade, nem dos desastres que enlutam os lares, nem das revoluções que enlutam os paizes, nem dos delirios sanguinarios que rebaixam a especie humana, nem dos crimes filhos da ignorancia e da miseria! e que, em vez d'isso, nestas paginas appareçam, frequentes e luminosas, as provas de civilização, de caridade, de tolerancia e de amor, que affirmam a superioridade de um povo, e a bondade do seu caracter...

O. B.

MISSÕES-CATARACTAS DO IGUASSÚ



SALTO PRINCIPAL TOMADO DA CRISTA DO LADO DO BRASIL (70 METROS)

Detive-me assombrado.

Um rumor insolito, semelhante ao retumbar do trovão, ou ao confuso estrepito de longinquo canhoneio, vibrava nas ondas sonoras da atmospherá.

Estremecia o solo e eu sentia-me invadir pela medrosa sensação que accusa as fraquezas da carne, ante os espasmos da terra sacudida pela força terrível de uma explosão vulcanica.

A estreita picada por onde iamos, termina bruscamente em uma volta do bosque, ao pé mesmo do apertado passo, em que ondas gigantescas descem aos saltos, tumultuosas, intermitentes, rithmicas, fugindo do abysmo a que foram lançadas pelas cem cascatas do Iguassú.

A barranca, de «cem metros» de altura, formada de rocha granitica avermelhada, cahe a prumo sobre o abysmo em que ruge o rio.

Da margem argentina, avança em frente, a uns oitenta metros de distancia, o promontorio «Errekaborde», esperando sem duvida a acção do governo ou a de um homem de genio, que lançando uma ponte sobre o abysmo, vincule materialmente Nações irmãs, unidas já politicamente por tradições gloriosas, por sacrificios communs nos campos de batalha e louros disputados nos torneios scientificos, para que unidas, marchem futuramente na vanguarda dos povos sul-americanos á conquista dos nobilissimos ideaes que a humanidade cõfiou ao esforço da civilização americana.

Enorme penhasco, inclinado sobre o abysmo a — «Piedra Tembladora» — e ao qual se chega por escorregadia e ingreme lage, permite contemplar de golpe todas as cataractas do Iguassú, abarcando a vista o immenso semi-circulo por onde se despenha o rio de uma altura de «setenta metros».

E' verdade que se arrisca a vida para chegar á «Piedra Tembladora»; um movimento em falso, um passo indeciso, um escorregão precipitariam o curioso no abysmo; mas em compensação, que estupenda recompensa! que extraordinaria satisfação a de quem chega ao ponto almejado e pode contemplar o magico panorama!



PARTE DOS PRINCIPAES SALTOS BRASILEIROS

Deteem-se as aguas um momento, quasi ás bordas do profundo abysmo, como que apavoradas pelo estrugir da queda; mas impellidas pelas que chegam em seguida com a corrente, estreitam-se em supremo abraço, e elevando-se, scintillando ao sol que as illumina, lançam-se no vacuo em curva gigantesca para cahir no fundo penhascoso.

Espantoso ruido parte do antro crepitante, mas rithmico, compassado, como si o volume da massa liquida que ali se despenha sem cessar variasse.

Nem o barulho de gigantesco martello pião, nem o ribombo da trovoada ou o estrepitoso echo do canhão podem de longe comparar-se com o sonoro mugir da grande cataracta.

E, atomizada pelo choque contra os rochedos, a enorme massa d'agua transforma-se em humido vapor que o vento do abysmo eleva aos ceus em curvas espiraes.

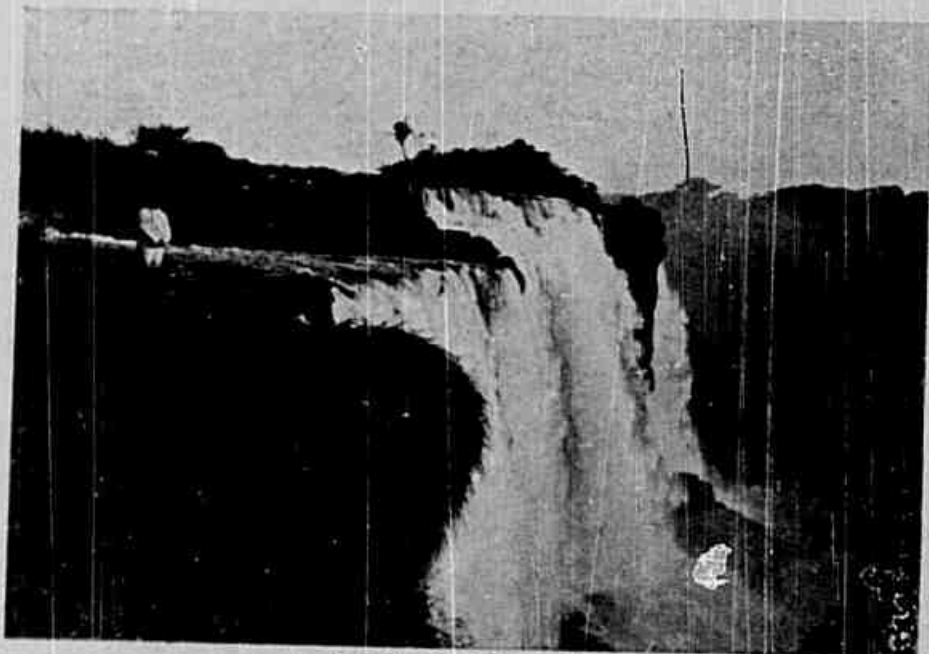
Mil arco-iris com suas cores vivissimas matisam a enorme massa d'agua que se despenha no abysmo, emprestando seus reflexos polychromaticos ás nuvens fluctuantes, como si todos os diamantes de Golconda fulgurassem na corôa

Semelhantes ao vapor de fornalhas gigantes, ou das cavernas cyclopicas em que se forjavam os raios de Jupiter Tonante, elevam-se do seio do abysmo brancas nuvens de vapor aquoso, cada qual revelando o logar de uma cascata, e aqui e alli, multidão de ilhotas e penhascos matisando com sua esverdeada coloração a alvura do quadro.

Desde a «Piedra Tembladora» divisa-se um grandioso quadro.

Além, muito distante, nos confins do horisonte, sobre um leito de areia branca, o Iguassú se espraia em limpida toalha, tranquilla, transparente, em brando deslizar.

De repente, agita-se a corrente, resvala murmurando sobre o plano inclinado de seu leito, e entrechocando-se impetuosa nos rochedos, eleva turbilhões de espuma que brilham aos raios do sol em chispas fulgurantes.



SALTO FLORIANO PEIXOTO

Os clichés que publicamos sobre o Iguassú, foram-nos gentilmente cedidos pelo Dr. Henrique Morize, da Commissão demarcadora.



O IGUASSÚ, 6 KILOMETROS ABAIXO DAS CATARACTAS

da formosa, da soberba, da esplendida cataracta que contemplamos.

Trezentos metros abaixo, volve o rio ao seu placido curso, mas as suas aguas oxygenadas pelo salto aereo, rejuvenescidas, brilham mais, são mais puros seus crystaes, nelles retratando-se com deleite, milhares de orchidéas, milhões de borboletas, e as aves pousadas nos ramos ribeirinhos entoam mais suaves cantos.

Assim como a belleza natural das cataractas do Iguassú com sua esplendida moldura de flores, cipós e orchidéas, sob o docel de um ceu incomparavel, é immensamente superior á de Niagára, com a sua sombria vegetação boreal, tambem a força motriz das mil cascatas em que se divide aquelle rio é pelo menos dez vezes superior á de sua rival americana, que o sabio Siemens avaliou em 16.800.000 «dezeseis milhões e oitocentos mil» cavallos-vapor.

Vida Literaria

O ANNO PASSADO

PEDEM-ME os directores desta nova revista — á qual desejo e auguro mais propicios fados que ás suas predecessoras se depararam — que eu diga da nossa vida literaria o anno passado.

Não tendo estado, nesse periodo, tão attento a ella como nos que immediatamente o precederam, desde 1895, nem lhe havendo acompanhado as manifestações com o mesmo interesse e curiosidade, receio não me escapem alguns dos seus aspectos, ainda relevantes, e muitos documentos, porventura interessantes, por que se revelou. Assim, não saberei dizer com alguma precisão, si no anno findo a nossa vida literaria foi mais rica que nos anteriores. De mim para mim, porem, creio que não. Nem por isso digo fosse mais pobre e mais fraca. Julgo-a antes como a dos outros annos: muito livro, na realidade folhetos, de versos; menor numero, mas ainda grande, de contos e a tal *phantasia*, ruim e desprezível cousa de que temos a primazia, alguns romances, dos quaes um ou outro, raro, sae da mediocridade, quasi nada de estudos ou ensaios philosophicos, historicos, criticos ou taes que, pelo seu assumpto e pela sua composição, caibam no dominio da literatura. O theatro literario não existe, do outro não sei, que o não frequento. Das dezenas desses livros, pela maior parte folhetos, é bom repetir, que no Brasil se publicam todos os annos, de facto apenas meia duzia serão benemeritos de attenção e apreço, o que aliás não quer dizer que essa meia duzia, por isso que a podemos estimar hoje, os nossos netos continuem a estimar-a depois de amanha. *Habent sua fata libelli*, e entre nós, reparo, é precaria a sorte dos livros. Em trezentos annos de literatura, quantos são os livros nossos que ficaram na nossa memoria e que realmente lemos ao menos uma vez? E', talvez, por isso que a nossa literatura vive a recommençar-se; a geração seguinte ignora a precedente, e, na ignorancia de tudo o que se fez anteriormente, tem a candida illusão de ser uma iniciadora. Si algum sentimento de continuidade e solidariedade tem é com a literatura franceza, a quem arre-méda, com frequencia desageitadamente. Pois não era um festejado literato, e, o que mais é, critico da literatura nacional, quem um dia perguntava num escripto: "Quem é este João Lisbôa"? ignorando por completo, até de nome, um dos espiritos mais altos e um dos mais perfeitos prosadores das nossas letras? Tinha razão o Sr. Joaquim Nabuco quando escreveu que "temos uma literatura desoccupada" e que "o nosso campo literario é composto de *flaneurs*." E faltando-nos

a cultura, uma cultura geral, solida e bem feita, e não o nosso superficialissimo autodidacticismo, a nossa producção literaria, não obstante o talento natural, ou a vivacidade facil, que é o nosso primeiro dom intellectual, fica, salvo um ou outro raro caso, sempre falha ou mediocre, sem originalidade real, nem força, mais de imitação que propria. Instinctivamente, quando lemos um nosso livro de imaginação, acode-nos procurar nalgum escriptor estrangeiro, quero dizer francez, o termo de comparação para elle, o confronto antonomastico, sem o qual já quasi não podemos apreciar um escriptor patricio. Esse vicio rhetorico, certo, o herdámos de Portugal, onde viçou; mas a sua constancia aqui está tambem revelando quanto a sua vigencia é facilitada pela tendencia imitativa dos nossos autores, e sua fraca originalidade.

A poesia dá sempre a messe mais abundante. Com certeza não me acho informado sinão de parte minima da colheita poetica do anno findo. São ainda assim uns doze volumes, dos quaes mais de metade apenas escassos folhetosinhos. Dessas publicações a mais consideravel foram dous volumes das *Poesias de Mucio Teixeira*, (H. Garnier) em que este copioso e bom poeta reuniu os seus numerosos versos esparsos por outras collecções. Não é, pois, obra nova, do anno. No mesmo caso está o voluminho dos *Poemas do Mar do Norte* de H. Heine, traduzidos do original por um poeta de bons quilates, o Sr. Marcos de Castro, agora publicados em 3ª edição (Laemmert & C.). O leitor sabe que aquelle nome mal occulta o Sr. Alberto Ramos, cujos credits de poeta raro, por dotes especiaes da sua inspiração e pela escassez da sua producção, confirmou o seu unico poema publicado este anno, a sua bella *Ode a Santos Dumont*, (Laemmert & C.) digno par da do *Campeonato*, de ha dous annos. Poeta que, a outras distincções junta esta do perigrinismo da inspiração e da raridade no poetar, é o Sr. Mario de Alencar. Delle tivemos tambem, e unicamente, uma *Ode Civica*. A sua modestia, a sua discrição, direi a sua tímidez e pudico afastamento das vulgaridades da cousa publica, não o impediram de vibrar de indignação ante a má campanha a seu ver feita a negociações diplomaticas recentes, nas quaes se achava empenhado um nome glorioso e querido. E a principal, e difficil virtude desse poema, que se poderia chamar politico, é que nem por um instante sae do restricto dominio da arte para descambar na declamação politica em verso, a mais detestavel cousa que possa haver. Animada dos mais generosos sentimentos e de um patriotismo mais puro

e alto do que é de commum essa vulgar paixão, a ode do Sr. Mario de Alencar, é, apesar do seu epitheto de civica, um excellentre trecho de poesia. Ou porque a nossa lingua seja de si melodiosa e cantante e rica em rimas e rythmos, e haja sido por longos seculos trabalhada por uma multidão de poetas, muitos dos quaes eminentes, que tornaram facil o versejar nella; ou porque exista em a nossa gente, herdada da portugueza, uma grande aptidão de o fazer, o certo é que os nossos poetas, quero dizer aquelles que não são de todo indignos deste qualificativo, ainda no seu méro significado material, sobre numerosos, versejam quasi todos bem. Raro é já encontrar entre elles um mau versificador, e si poucos tem de facto a esquisita perfeição parnasiana, a immensa maioria pelo menos não erra mais o verso. Deploravel dom, que os faz tomar a facilidade de versejar por talento poetico, e crer que toda a poesia está no verso certo, mais ou menos bem rythmado, e na cançada repetição, num giro de frase já estereotypado por gerações de poetas, de themas, imagens, expressões, sentimentos que são o fatigado material das suas locubrações. Dellas o anno passado, como os anteriores, foi bastante rico, e algumas, por esses aspectos ao menos, não de todo despiencias, como, por exemplo, as *Constellações* do Sr. Arnaldo Damasceno Vieira (Rio de Janeiro) ou, sem embargo do feio titulo, *Vovó Musa* do Sr. Zefirino Brazil (Porto Alegre). Nenhuma, porém, com distincção que mereça notada, si não forem talvez, as *Transfigurações* do Sr. Nestor Victor (H. Garnier). Ha neste poeta, apesar dos senões e falhas que se lhe possam notar, mais do que os dotes de simples versejador correcto, e si elle não logra ainda commover-nos mais intensamente, (e de facto apenas superficialmente nos commove) vem isso da obscuridade do seu pensamento poetico e da sua mesma forma de expressão. No verso como na prosa, a sua concepção e a sua expressão me parecem difficeis, não de uma diffcildade esthetica como é, só na poesia, a do Sr. João Ribeiro, por exemplo, mas da que provem tanto do seu proprio espirito, que parece não ver claro, como dos seus preconceitos artisticos de escola. E na sua obscuridade, simultaneamente nativa e rebuscada, entra por muito o seu imperfeito manejar da lingua. Mas nos seus poemas, a despeito de injustificadas pretenções á distincção, e de banalidades mal disfarçadas sob ellas, ha alguma cousa realmente superior, como pensamento e sensação, como emoção poetica, ao resto da producção do anno.

E, bom syntoma de vitalidade intellectual e de ambição literaria, de toda a parte vem ella. Do Maranhão e do Paraná, de S. Paulo e da Bahia, recebemos em livros, em folhetos, em revistas, por via de regra ephemerias, e de fraco interesse, o éco auspicioso da vida literaria na provincia, tanto mais de estimar, qualquer

que seja a sua força e nitidez, quando as condições dessa vida ali são naturalmente difficeis e quando, no Brazil, como nos outros paizes, é a provincia a principal fornecedora da literatura nacional, tendo talvez a função necessaria de manter mais vivo o character indigena, que o cosmopolitismo das capitaes tende forçosamente a apagar. Dos 40 da Academia Brasileira, muito mais de metade são provincianos.

No Maranhão, terra onde não morreram totalmente as tradições literarias do meiado do seculo passado, publicou o Sr. Antonio Lobo, nome já conhecido e estimado da literatura provinciana, um romance *A Carteira de um Neurasthenico*, livro que se lê sem enfado e no qual se descobrem qualidades estimaveis, mas por ora apenas boa promessa de um bom romancista. Diz-se que a critica não deve discutir o modo porque o autor concebeu a sua obra, e apenas a maneira por que a realizou. Eu, todavia, me permittirei dizer que foi o modo da concepção do Sr. Antonio Lobo o que no seu livro menos me agradou; achei postica a maneira porque enquadrou o seu romance, que teria lucrado, creio, em ser directamente contado. Não chegaríamos a descobrir a neurasthenia do narrador si elle proprio não nol-a houvesse affirmado.

No genero, porém, o melhor livro do anno, foi, acho eu, a *Luzia-Homem*, (Rio de Janeiro) de um provinciano-carioca, o Sr. Domingos Olympio. E' do Ceará o autor e da vida cearense a interessante narrativa. O novo romancista, bastante conhecido no norte do Brazil e aqui como jornalista, entra tarde na vida literaria, perdõe-me elle a indiscrição, com mais de cincoenta annos. Mas, salvo talvez uns laivos de espiritalismo romantico, o seu romance é, melhor que o de um jovem, com as inexperiencias e os excessos da juventude, o de um espirito em plena madureza. A narrativa, acaso tanto ou quanto sobrecarregada de descrições, quasi todas bellas aliás, de digressões e de dialogos, igualmente bem feitos, mas que porventura lucrariam em ser encurtados, podia, sem prejuizo do mérito do livro, ser menos longa. Mas, repito, é interessante, e deixa-nos com a sensação de um quadro exacto e perfeito da terra e da vida cearense, a certeza de que ha no Sr. Domingos Olympio um romancista de valor, um escriptor, uma imaginação de poeta, que apenas tardou em manifestar-se no livro. E', preciso, porém, para confirmar este juizo, que outros lhe succedam.

As idéas, as aspirações, os sentimentos socialistas, e ainda anarchistas, que tão preponderante influxo tiveram na literatura europeá dos ultimos tempos, não haviam até o anno de 1902 influido de forma alguma em a nossa. O nosso symbolismo foi puramente arcaico, isto é, inteiramente despreoccupado do que não fosse simples versejar por amor de versejar, sem nenhum pensamento ou intuito social. A primeira ma-

nifestação, ao menos a primeira digna de consideração, daquella corrente de idéas aqui foi o forte e formoso *Chanaan*, do Sr. Graça Aranha, um livro extraordinario na nossa literatura. O *Ideologo* do Sr. Fabio Luz (Rio de Janeiro, Paula Souza & C.), publicado em 903, é o segundo. Livro sincero, commovido mesmo, em que as qualidades do autor das *Novellas*, principalmente a sua lingua, se apuram e aperfeiçoam, não é, todavia, ainda o livro que do seu autor esperamos. Resumbra demasiado delle o intuito da propaganda, a que a verdadeira obra d'arte deve mostrar-se estranha, até quando não é outro o seu objectivo.

Um jovem e talentoso diplomata nosso, o Sr. Silvino do Amaral publicou um bom e volumoso *Ensaio sobre a Vida e Obras de Hugo de Groot* (Grotius) (H. Garnier). Si não é propriamente um trabalho de folego e original, revela, entretanto, intelligencia, estudo e capacidade para locubrações semelhantes; em summa, uma boa e auspiciosa estréa. Sinto que a estreiteza do espaço me não consinta dizer mais desse livro, como me não permite occupar-me, quanto quizera e o livro merecera, do *No Japão* (Laemmert & C.) do Sr. Oliveira Lima. A nova obra do Sr. Oliveira Lima, como a antecedente, no mesmo genero, *Nos Estados Unidos*, é por muitos respeitos interessante e grandemente digna de ler-se. As suas observações sobre o Japão e a sua interpretação do curioso imperio, feitas com sinceridade e sympathia evidentes, e sem rebuscadas psychologias, calam em nosso espirito como verdadeiras. Merece sobretudo notada a bem succedida insistencia com que elle nos mostra o Japão ao mesmo tempo votado por completo á imitação da civilização occidental, adoptando-a ou adaptando-a em todas as suas feições e, entretanto, permanecendo fundamentalmente japonez.

Com o sub-titulo de "Ensaio philosophico sobre o materialismo e o Espiritualismo" publicou o Sr. Visconde de Saboia um copioso livro *A Vida psychica do homem* (Laemmert & C.).

Não obstante mostrar-se a par das doutrinas biologicas e psychologicas mais em voga, e dos seus expositores mais recentes e considerados, o A. atem-se ao espiritualismo, pelo qual convictamente propugna.

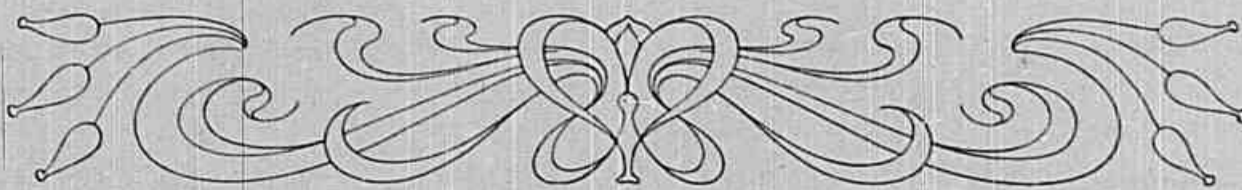
Iam-me esquecendo dous livros benemeritos de menção; um de contos, *Dor* (H. Garnier) do Sr. Escragnoille Doria outro de versos, publicação posthuma, de Eugenio Savard, *Azas* (Rio de Janeiro).

Os contos do Sr. Doria, quasi todos destituídos de assumpto, nem motivo, me pareceram antes temas de composições literarias. A artificialidade da sua composição é evidente e elles tresandam a literatura, isto é, não ha quasi nenhum delles em que allusões, citações, referencias, reminiscencias literarias não estejam denunciando essa feição pouco sympathica da sua "maneira", a preocupação de literatura na sua literatura. De parte estes senões, *Dor* deve ser recebido com estima.

Uma collecção de versos antigos já publicados, creio que em 97, e poesias ineditas agora recolhidas, formam o livro *Azas* do mallogrado Eugenio Savard. A leitura deste livro deixa-nos, a mim ao menos deixou, a dolorosa impressão de um poeta natural, espontaneo, bem dotado, morto prematuramente, sem ter podido herdar-nos mais que estas primicias do seu engenho, algumas já sazoadas e formosas, todas promissoras de melhor.

J. Verissimo.

Da Academia Brasileira.



Si bem me lembra, foi Jouffroy quem o disse: — philosophar é aprender. Philosophemos consequentemente, e em que pése aos fementidos conselhos da velha escola utilitaria. Nem parece exaggeração o sentenciar que, ao revez do primoroso conceito de Almeida Garrett, não se constitue o mundo o interessante imperio de Sancho Pança. Por toda a parte não mais se encontra, poderosa e exclusiva, a autoridade de el-rei Sancho. Aqui, alli, e “sem attender á parte material e terrena desta vida, com os olhos fitos em suas grandes e abstractas theorias, hirto, secco, duro, inflexivel”, apparece a insinuante personalidade de don Quixote.

Mas si aborreço a prepotencia de um, não me quadram as extravagancias do outro cavalleiro da historia do notavel Cervantes.

Todavia caminham os dois cavalleiros, lado a lado, pelo mundo em fóra...

Seja, porem, como for, mister se faz nos preparemos desde logo para as terriveis decepções de nossa vaidade... vaidade de intellectuaes, que imaginam encontrar razão scientifica pelos mais reconditos logares do pensamento, lá mesmo, ao que escreveu de Sacy *où la foi place un mystère*.

Sim; armas aprestadas contra essas decepções tão a talho de nossa fraqueza ingenita, porque a suprema verdade aqui está, embora sob forma paradoxal: — quanto mais se aprende, tanto mais se avalia que se não sabe.

E, obedecendo aos impulsos dos nossos desejos de philosophar, examinemos sem demora uma questão de longa data debatida, ou — o que vale o mesmo — uma questão conhecida de toda a gente.

Eil-a, desafiando as energias do nosso espirito.

Consideremos uma casa. Imaginemos um relógio.

A idéa do constructor dessa casa e a do fabricante desse relógio, de prompto surgem pelo nosso cerebro — tomando vulto mercê a trama delicadissima dos nossos tecidos nervosos.

Agora, olhemos para aquella estatua... E a idéa do esculptor que a levou a cabo, começa de acudir á imaginação a custa desses mesmos tecidos nervosos.

É isso natural e logico. Tambem por essa razão de logica e naturalidade, pretendemos chegar ao conhecimento do que se chama autor do systema planetario, ou creador do mundo em que vivemos, toda a vez que contemplamos esse mundo ou esse systema no evoluir extraordinario de existencia eterna, impassivel.

Ah! bem verdade é que julgamos o nosso espirito completamente aparelhado com os poderosos recursos do saber humano, na indagação da causa das causas — tanto essa causa se afigura a grandiosa formadora não só dos esplendores da natureza senão da propria natureza.

No entanto, é apenas illusão... Porque, preparado com os instrumentos da logica, é o nosso espirito que, sciente e conscientemente, vae aluindo os alicerces do edificio da logica indispensavel á unidade ou harmonia das sciencias, logica inacessivel ao que significa um primeiro termo absoluto na serie dos factos naturaes. Pois que é illimitada semelhante serie, está fóra de duvida a impossibilidade desse primeiro termo absoluto. Assim não sabe, nem jamais conseguirá saber a mente humana, o que vale a causa das causas, esse primeiro termo absoluto na serie illimitada dos factos naturaes.

E dahi a comprehensão de que se não faz o mundo, como se constroe uma casa, como se fabrica um relógio, como se esculpe uma estatua.

Sim; dae-nos materia, e o mundo se fará como um producto da evolução, que tudo transforma e modifica tudo.

Dae-nos, porem, o marmore ou o bronze ou substancia outra qualquer, e não será esculpida a estatua sem o artista que a deve executar. Porque, nessa substancia qualquer ou nesse bronze ou nesse marmore, tão só poderá a evolução deixar assignalada a passagem do tempo, e nada mais.

Dae-nos, ainda, os elementos necessarios á fabricação de um relógio, que elle não surgirá pelo simples trabalho mecanico, profundamente inconsciente, desses elementos.

Dae-nos, finalmente, o material preciso para a construcção de uma casa, e essa casa espontaneamente não se edificará; que ella não se ha de erguer pelo processo mesmo da evolução.

Mas... tempo é de reflexão: — que absurdo palpitante!... Porque, onde a obra se afigura mais complexa e mais difficil, ahi de nada se carece senão das proprias condições da materia.

E falamos da materia — que a principio permaneceu em verdadeira homogeneidade e hoje se revela em estado de ampla heterogeneidade — como um facto plenamente estudado sob todos os seus aspectos...

Que sabe-se da materia?

Que nos diz a physica, em sua mecanica molecular?

Que nos ensina a chimica, através a mecanica de seus atomos?

Em sua mecanica cellular, que é que nos affirma a biologia?

Afinal de contas, que é que se conhece da historia da materia senão que sahiu de um abysmo impene-travel, effectivamente ignorado, e se dirige, evoluindo sempre, para outro abysmo igualmente desconhecido?

CANHÕES DE TIRO RAPIDO

EXPERIENCIAS DO BRASIL

JÁ se fazia esperar a ideia de dotar o nosso exercito de mais esse poderoso elemento de defesa, quando fomos surpreendidos com a nomeação para a Comissão, que devia estudar os diversos typos de canhões d'esse genero, que aqui seriam apresentados, em virtude de encommenda feita pelo illustre Marechal Mallet aos principaes fabricantes europeus.

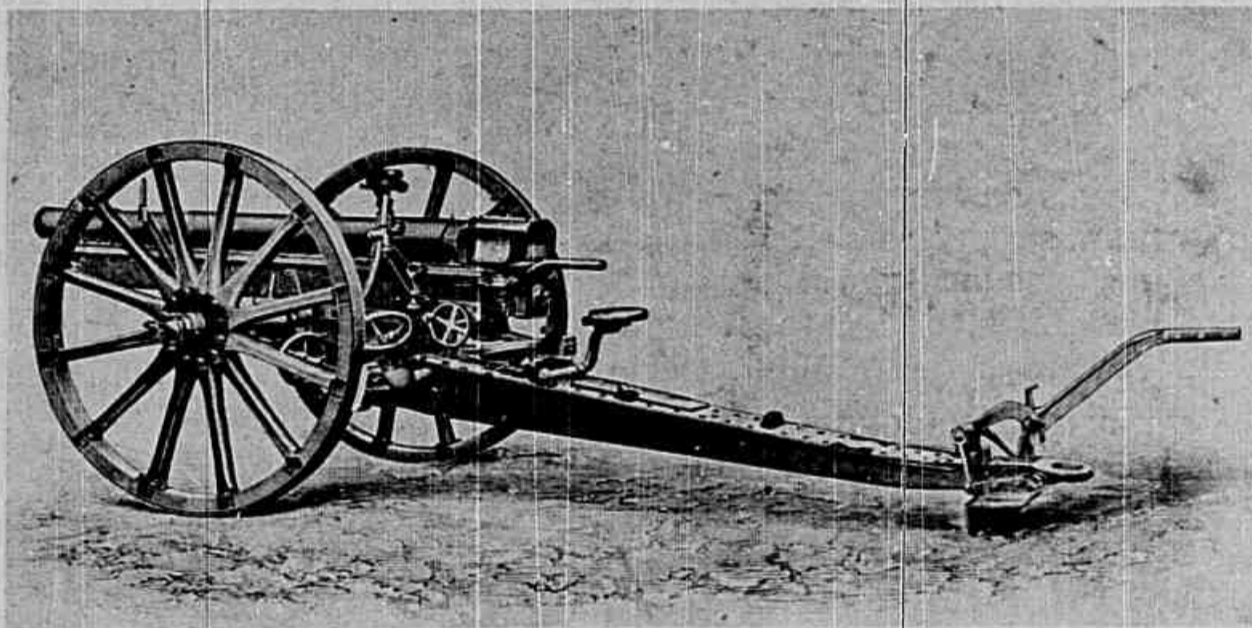
A julgar pelo tempo em que a adopção de canhões de tiro rapido é cousa resolvida em varios paizes, o assumpto é considerado velho, e assim se exprime o General Langlois: "les principaux perfectionnements introduits dans l'armement et caractérisés par l'emploi de la poudre sans fumée, du fusil de petit calibre et

E' preciso, com effeito, tirar da machina thermodynamica que se nos apresenta, o maior rendimento possivel, e como diz Gaston Moch: "si se considera a relação entre o trabalho util por ella produzido e a energia accumulada no combustivel, verificar-se-á que é uma das mais mediocres." Torna-se, pois, necessario conhecel-a e conhecel-a muito bem; por isso, hoje como sempre, ou ainda mais, os campos de tiro e de manobras precisam estar em constante actividade. E' necessario adquirir essas cousas em tempo de se tornarem conhecidas.

Felizmente para este paiz, de tempos, a tempos surgem homens que olham com attenção para as nossas fronteiras.

Houve um momento em que o nosso estado de fraqueza chegou a um limite maximo. D'isso se apercebeu a tempo o grande patriota a quem estavam entregues os destinos d'esta Nação.

Tão grande foi o seu assombro quanto a rapidez de seu agir, quando reconheceu o perigo que nos ameaçava.



KRUPP

du *canon à tir rapide* sont vieux de plusieurs années."...

No caso, nada perdemos sendo dos ultimos, (situação que algumas vezes é perigosa), pois encetamos os nossos estudos quando o assumpto encontrou solução completa, indiscutivel, de parte de varios fabricantes, e temos tido a fortuna de alguns annos de paz, que vão nos permittindo sem grandes abalos, sem grandes *sangrias no thesouro*, irmo-nos preparando para dias mais agitados, que podem surgir a cada instante.

Não é bastante possuir taes elementos, dar ao soldado tudo quanto a technica militar offerece de mais perfeito; pois essa propria virtude póde transformar-se em grave inconveniente nas mãos de um inexperto.

Com a previdencia de verdadeiro estadista, o grande brasileiro percebeu que atravessavamos um periodo critico, que era preciso fosse de curta duração.

Por isso todas as suas ordens n'esse sentido si terminavam pela formula cortez de "saudações", eram estas precedidas de uma outra invariavel "tudo urgente."

Data d'ahi tudo quanto possuímos ainda hoje com que possamos defender a nossa terra: um fusil de guerra, ainda agora reputado um dos melhores; o inicio das grandes transformações que se tem operado nas obras de fortificação de nosso porto principal, os poucos elementos aproveitaveis que representam o nosso poder naval; essas boccas de fogo modernas que se ostentam em nossas fortalezas, terminadas

estas pelo esforço de não menos dignos patriotas, e, finalmente, a aquisição dos canhões de Campanha regulamentares em nosso Exercito.

Aquella urgencia tão recommendada fôra o melhor elemento para a aquisição de nosso fusil; pois talvez não o tivéssemos obtido, em condições normaes.

Ella, porém, concorreu tambem para a aquisição dos nossos actuaes canhões de campanha que, si possuem qualidades balísticas excellentes, não são os mais apropriados ás nossas circumstancias especiaes, como mostraremos no desenvolvimento d'este nosso despretencioso trabalho.

Transportando para estas linhas detalhes de tudo quanto a industria europeá nos tem offerecido, para escolhermos com segurança o nosso futuro canhão de campanha, todos os dados balísticos e outros, quer fornecidos pelas monographias que possuímos, quer determinados em nossas experiencias, queremos interessar os que nos lerem no importante assumpto.

Não é uma indiscrição que commetemos, pois que guardaremos a reserva que nos impõe o que em cada material constitue segredo de fabricação.

Começámos dizendo que já se fazia esperar o estudo e consequente adopção de um canhão de tiro rapido.

Com effeito, não se trata mais de um producto industrial cujas vantagens possam ser postas em duvida; elle é de longa data estudado, e a sua adopção já realisada em grande numero de paizes, está em outros dependendo apenas de experiencias que se ultimam.

Quando por ordem terminante do Governo faziamos aquisição dos nossos canhões regulamentares, em Abril de 1894, já o assumpto era largamente estudado, como se poderá verificar entre outras publicações, na Revista do Exercito Belga de Julho de 1891, Janeiro e Maio de 1892, e essa mesma Revista, em seu numero de Julho de 1893, dá uma descripção completa de um canhão de 7,5c. sobre reparo de campanha, mandado construir pela Sociedade Nordenfelt de Paris, no importante estabelecimento belga de Cockerill.

Esse canhão dando um rendimento de 192 T. M, quando o então regulamentar na Belgica dava apenas 46 T M, nos indica desde logo o quanto se ganhava em potencia.

Desde então consideravam os artilheiros belgas que o verdadeiro canhão de tiro rapido é aquelle que não se desvia de sua pontaria no acto do tiro, de modo que este possa continuar exigindo apenas simples e rapida correcção que deverá ser feita por meio de apparatus apropriados, sem que seja necessario deslocar a conteira. Ora, uma tal exigencia só se obtem conseguindo que a peça não recue, ou que,

recuando, volte automaticamente á bateria. Desde que nos phenomenos mecanicos não se pode aniquilar a força, como não se deixa aniquilar a materia nos de ordem chimica, impedir o recuo sem procurar absorver essa força por meio de freios, sem disciplinal-a, de modo que não exceda á resistencia desses freios, será reduzir o material a soffrer um trabalho de vibrações, que acabará fatalmente por desarticular as suas partes componentes.

E' o que acontecia com o emprego de *tacos* de madeira solidamente fixados ás rodas do reparo: *sabots d'enrayage* dos francezes.

A este systema succedeu o de freios de *patins*, tão conhecidos por serem empregados nas viaturas civis, accionados por uma alavanca ou por uma pequena roda, que fazendo girar um parafuso, produz a compressão dos patins contra o trilho das rodas.

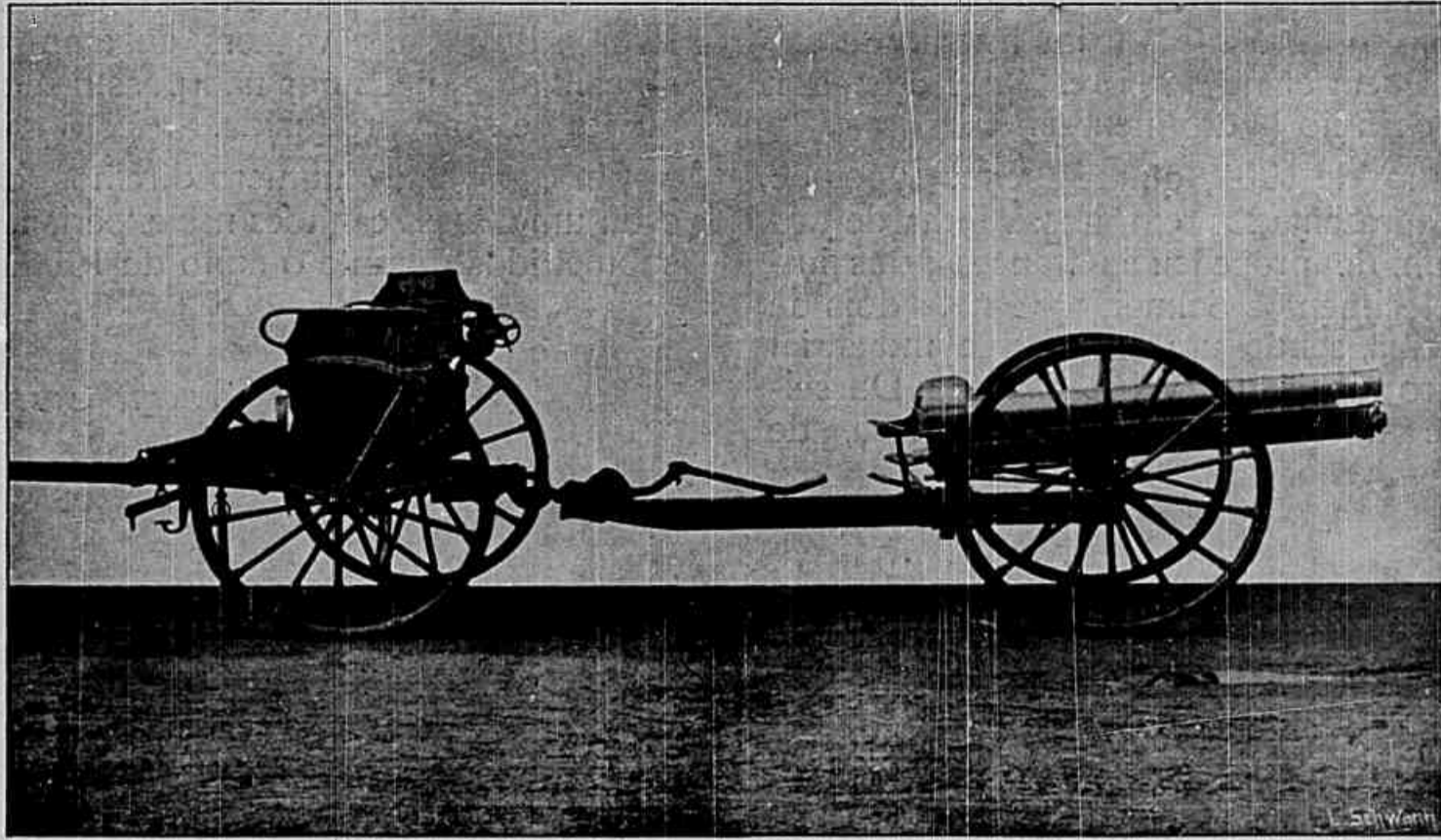
Ainda bastante brusca a acção d'estes freios, tinham elles outros defeitos, entre os quaes podemos citar o de modificar a pontaria no momento de ser apertado e ser necessario desapertal-o para levar o canhão em bateria.

Meios engenhosos foram postos em pratica para fazer agir o patim de modo progressivo, auxiliando o attrito exercido sobre a chapa do trilho das rodas com o desenvolvido sobre o cubo, por meio de uma corda que nelle se enrola á proporção que o canhão recua, fazendo approximar os patins gradativamente até applical-os fortemente contra aquellas chapas.

Estes, porém, entre os quaes é o mais notavel o de Lemoine, apresentam inconvenientes: ser preciso graduar previamente a acção do freio, para que não seja demasiadamente energica, produzindo assim degradações no material; que o attrito da corda não seja augmentado pela interposição de areia ou de terra; que a corda se enrole regularmente, sem haver superposição de voltas; além de trazer uma grande complicação de alavancas, cavilhas, entrósas, etc., tornando o systema pouco pratico para um canhão de campanha.

Vem a proposito citar o freio do canhão de 7,5c. de campanha, construido no importante estabelecimento de J. Cockerill, da Belgica, em 1893. Já ahi vemos o reparo se dividindo em duas partes: uma que recua e outra que fica fixa no acto do tiro, tomando neste ponto de apoio as peças destinadas a oppor uma força antagonica ao systema que recua, composto da bocca de fogo só ou d'esta com seu berço.

Este, no canhão de Cockerill, recua de cerca de 30c. ao longo das falcas, arrastando comsigo o parafuso de pontaria. Para isso a porca d'esse parafuso, montada em uma taleira, é ligada ao berço por dous braços articulados. Essa taleira recua dentro de duas corrediças fixas á face interna das falcas.



EHRHARDT

Por baixo do berço existe uma cremalheira, que recuando faz girar uma roda dentada em torno de um eixo taleira.

Essa roda girando enrola uma corrente Galle, que distende uma forte mola *à boudin*. Esta é collocada em um cylindro metallico fixado solidamente entre as falcas.

Logo que o berço para em seu movimento de recuo, a mola retoma sua posição de equilibrio, a corrente de Gall se desenrola, a roda gira em sentido opposto, impulsionando assim a cremalheira para a frente e a peça para sua posição de tiro. Não sendo esse freio sufficiente para absorver por si só toda a força do recuo, vão em seu auxilio *tacos* de compressão sobre as rodas e uma pá de conteira.

Esses tacos servem igualmente de freio de marcha, sendo então a compressão sobre as rodas regulada por meio de molas Belleville.

Não se póde negar a habilidade do engenho, mas, não deve ser pratica em campanha essa variedade de peças e de molas, que attingidas por um projectil, deixarão sem duvida de funcionar logo e logo.

Poderíamos descrever outros dispositivos engenhosos empregados para augmentar a rapidez de tiro, tendentes todos a attenuar a acção do recuo, entre outros o do canhão Bange-Piffard, em serviço na Republica do Uruguay, e o de Krupp, adoptado pela Republica Argentina, depois de estudos sobre canhões de Nordenfelt, Canet e Cockerill; mas isso tornaria o nosso trabalho muitissimo longo e, quiçá, mais monotono ainda.

Sirva, pois, essa citação para mostrar o nosso dizer ao iniciar o presente: já se fazia esperar a ideia de dotar o nosso Exército com um canhão capaz de competir com os seus congeneres, hoje por toda a parte adoptados.

Actualmente a absorpção do recuo é geralmente operada por freios hydraulicos, baseados sobre o escoamento de um liquido por orificios estreitos. Comprehende-se desde logo a necessidade de fazer variar judiciosamente a secção de escoamento, de maneira a tornar a resistencia uniforme, para produzir-se suavemente o recuo da bocca de fogo só ou d'esta com o berço.

Não basta, porém, que a bocca de fogo recue, torna-se necessario que ella volte á posição inicial. D'essa necessidade se originou o recuperador: orgão elastico, que submettido a uma compressão inicial absorve por compressão uma parte da força viva do recuo, durante o funcionamento do freio, restituindo-a em sentido inverso. E' principalmente no modo mais ou menos engenhoso com que tal *desideratum* foi realizado pelos diversos fabricantes, que se impõe a necessidade da maior reserva; pois taes peças só são desmontadas aqui na presença dos membros da Commissão de experiencias.

E', porém, sabido, que os recuperadores são constituídos ou de molas de aço de secções variaveis, sobre as quaes actúa uma parte do systema que recua — o proprio *piston* do freio, um *piston* especial ou um diaphragma posto em movimento pela pressão do liquido do freio, ou então é uma massa de ar comprimido, cuja compressão é augmentada pelo afluxo do

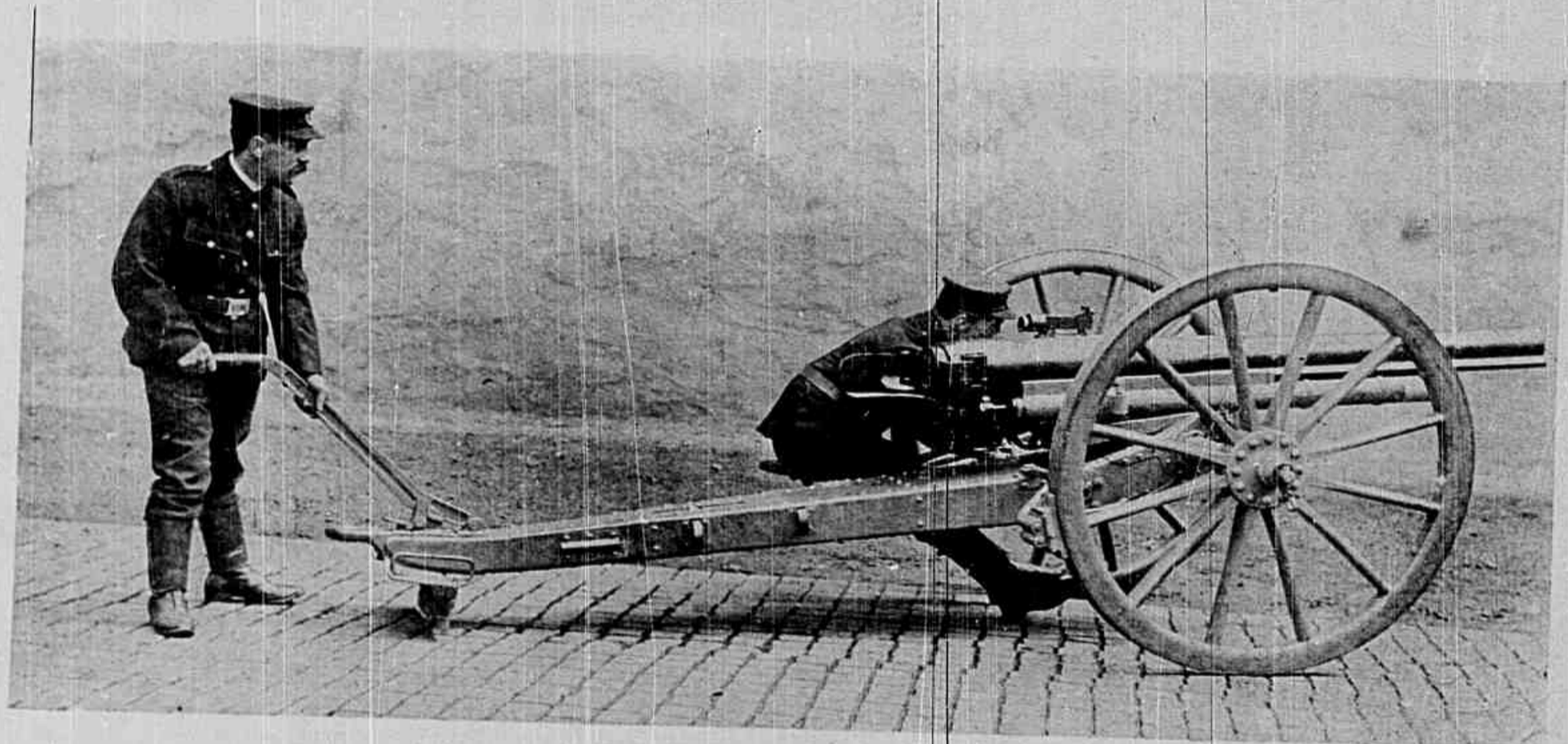
liquido do freio, no proprio recipiente em que está encerrado, actuando sobre elle por intermedio de um diaphragma. Recebem então o freio e seu recuperador a denominação de freio hydropneumatico.

Durante o anno de 1902, quatro bellos typos de canhões foram apresentados em nossa linha de tiro do Realengo: um, de procedencia franceza, dos importantes estabelecimentos Schneider-Canet; dois de procedencia allemã, sendo um do grande industrial de Essen, e outro da já notavel fabrica de Dusseldorf; finalmente um de procedencia ingleza, de Vickers.

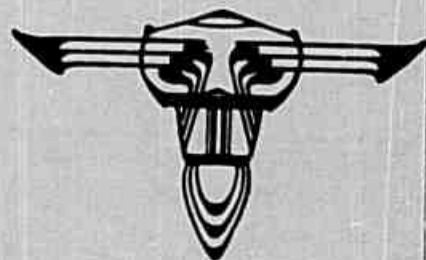
Damos aqui a photographia de 3 d'esses canhões, Krupp, Ehrhardt e Vickers, deixando de apresentar a do canhão francez por não possuirmos uma em condições de ser reproduzida.

Em o proximo numero diremos como se portou cada um d'esses canhões nas experiencias a que foram submettidos durante o anno de 1902.

Tenente-Coronel L. Barbedo.



VICKERS





A VASCO ORTIGÃO

OLHA ESTAS VELHAS ARVORES, MAIS BELLAS
DO QUE AS ARVORES MOÇAS, -MAIS AMIGAS,
TANTO MAIS BELLAS QUANTO MAIS ANTIGAS,
VENCEDORAS DA IDADE E DAS PROCELLAS...

O HOMEM, A TÊRA E O INSECTO, À SOMBRA DELGAS
VIVEM, LIVRES DE FOMES E FADIGAS !
E EM SEUS GALHOS ABRIGAM-SE AS CANTIGAS
E OS AMORES DAS AVES TAGARELLAS.

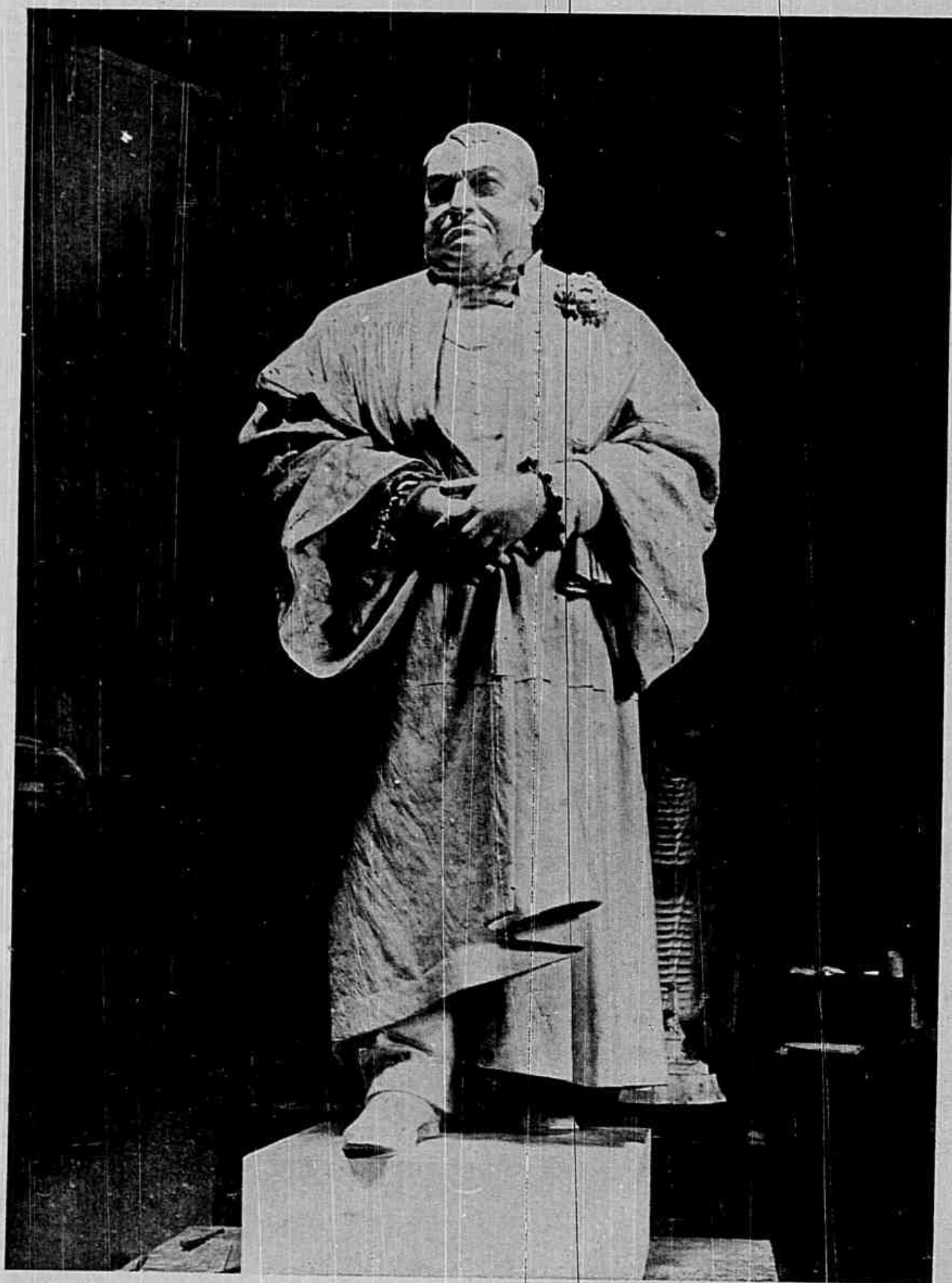
NÃO CHOREMOS, AMIGO, A MOCIDADE !
ENVELHEÇAMOS RINDO ! ENVELHEÇAMOS
COMO AS ARVORES FORTES ENVELHECEM

NA GLORIA DA ALEGRIA E DA BONDADÉ,
AGASALHANDO OS PASSAROS NOS RAMOS,
DANDO SOMBRA E CONSOLLO AOS QUE PADECEM!

Olavo Bilac.

Da Academia Brasileira

16 DEZEMBRO 1903



ESTATUA DO EMINENTE JURISCONSULTO TEIXEIRA DE FREITAS

ESCUPTURA DE RODOLPHO BERNARDELLI

UMA EXCEPCIONAL ESTREIA LITERARIA .

Vitam impendere vero.

JUVENAL.

NÃO ha muito, collaborador assiduo ainda que incompetentemente d'*O Paiz*, eu deixava de lado os segredos da profissão, as sciencias e a technica da guerra, então a meu cargo naquelle valente organ de publicidade, para analysar em publico uma arithmetica, uma mecanica e uma hydraulica, livros que vinham enriquecer de muito a nossa felizmente nunca pobre literatura mathematica. E hoje para inaugurar com a devida solemnidade as paginas brilhantes deste bello tentamen artistico, o *Kósmos*, quero occupar o meu e o espirito dos leitores com um valioso trabalho do mesmo genero, sem duvida alguma, scientificamente falando, uma das mais notaveis producções que nestes ultimos annos têm repontado em nosso meio intellectual.

E' seu autor, não um moço ainda desconhecido e ignorado do publico, que orgulhoso acabe de virar as costas aos bancos academicos, deixando atraz de si, para estimulo aos contemporaneos e exemplo aos vindouros, um passado repleto de distincções e de louvores, e sim um homem em plena virilidade, o coronel de engenheiros Dr. Roberto Trompowsky, conhecido ha vinte annos já, menos pelo que tenha produzido, pelos seus escriptos, pois se trata agora da sua verdadeira estreia literaria, que pela sua palavra abalisada e competente, sempre ouvida religiosamente pela mocidade que atravessa corajosa as muralhas da Praia Vermelha, a olhar, cheia de fé, a Patria estremecida, a ella dedicando todo o seu esforço, toda a sua actividade.

Eu tambem tive a honra de ser alumno do erudito estreiante de agora. E desde então me acostumei a admirar-lhe mais a modestia excessiva, o receio porventura do apparecimento, que mesmo a sua vasta erudição mathematica, apregoada e defendida, por toda a parte e em todos os recantos, pela mocidade estudiosa daquela valorosa academia militar. Tambem tive occasião de ouvir as bellas licções ao mestre abalisado; mas mui longe estava de suppôr que a sua primeira producção chegasse á consideravel eminencia que me parece ter attingido, a ponto de ficar como que isolada, a olhar, altiva e sobranceira, todos os trabalhos similares de aquém e de além.

Não lhe conhecia bem o merito e o valor scientifico; e d'ahi o infundado da minha supposição.

Verdade é que se não trata de um trabalho essencialmente original, o que em mathematica, mesmo levando em conta a engenhosa e ora florescente geometria euclidiana, de alcance e proveito mais que

duvidosos, só me parece possivel, pelo menos com vantagem e successo, no vasto dominio da mecanica applicada; mas nem por isso o livro do abalisado mestre militar deixa de ter notoria importancia, accentuado valimento e mesmo cunho proprio. Porque se trata da segura explanação do que sobre o assumpto traçou em larga synthese a penna magistral de A. Comte; e isso, só por si, constitue certamente a mais franca e decidida gloria que porventura possa aspirar um geometra contemporaneo. Nem podem haver duas opiniões a respeito.

Entendamo-nos.

As antigas exigencias mathematicas eram adquiridas e ministradas de um modo tal, tão baralhadas e confundidas, que só não se tornavam incompreensíveis ás decididas vocações, aos espiritos naturalmente affeitos a taes cogitações. Dahi o fundo respeito sempre dispensado a todos os geometras.

Com os trabalhos de A. Comte, porém, a questão parece ter mudado inteiramente de physionomia: ninguem que se preze se deve abalançar mais á exploração sincera do vasto campo mathematico, sem tomar por guia e norte a construcção synthetica do grande coordenador, a qual, depois de acertadamente entendida e devidamente explanada, permittirá até ás mediocridades, como nós outros, o exame integral do precioso e até então interdito edificio, das mais rudimentares questões numericas ás mais delicadas e difficeis concepções mecanicas.

Tudo ahi, nesse trabalho incomparavel, se acha methodicamente combinado, racional e logicamente distribuido, formando um todo unico, semelhante a enorme escada, cujos longos degrãos o estudante consciencioso vai então galgar sem difficuldades, alegre e satisfeito, sem o menor empecilho, sem a mais leve contrariedade.

A construcção synthetica de A. Comte deve ser olhada como tendo alcançado um resultado de valor inestimavel: subtrahio á mathematica, por completo, todo o apparatus e todas as difficuldades com que ella costumava se apresentar ás indagações dos curiosos: hoje só não entenderá essa sciencia fundamental, quem a tanto não se quizer abalançar.

Para isso, porém, para tão notavel consecução pratica, que talvez admire, que talvez mesmo assombre os espiritos antipathicos á grande sciencia, indispensavel se torna um trabalho preliminar, altamente valioso, muito mais serio que a principio se poderia suppôr: é a segura explanação dos assumptos de que trata a *Synthèse*, trabalho só accessivel ás intelligencias privilegiadas, a homens de larga envergadura e

excepcional valimento, capazes de guiar o estudante com passo firme e seguro ás arcas excusas do sagrado templo.

Sem *cicerone*, não ha devassal-a sufficientemente: porque a obra de A. Comte, escripta quando o philosopho se achava no seu maximo de desenvolvimento e producção, foge por completo ás arremettidas debeis dos calouros mais audazes. E' antes uma obra para mestres. Só estes poderão bem interpretar e conhecer essa *tintura mater*, para depois então, dynamisando-a sufficientemente, entregal-a ás justas cogitações da mocidade.

Nada de exagero neste dito sincero: a *Synthèse*, ás mãos de um estudante, representa o mesmo papel, produz o mesmo resultado que uma luneta meridiana ás vistas nada aguçadas de um gorducho pimpolho de cinco annos.

Primeiro que tudo ella precisa de explanação capaz. E o explanador, quem quer que elle seja, subirá incontinenti de proporções e grandeza, impondo-se logo ao justo conceito dos homens de valor.

No dominio elementar da sciencia, e tambem na sua parte mais elevada, foi tão grande commettimento levado a termo com successo, aqui mesmo no Brasil. Faltava apenas o dominio médio, porventura o mais delicado, attentos os rudimentares recursos de exploração: "aucune autre partie de l'enseignement mathématique ne saurait mériter autant la sollicitude rationnelle des professeurs et l'active attention des élèves," já havia dito sabiamente o philosopho citado.

Pois foi justamente essa parte, a geometria, que o illustre docente militar escolheu para o seu apparecimento em publico, para a sua estreia literaria.

Certo não lhe podia ter corrido mais firme a fortuna.

E teria o erudito brasiliense respeitado em toda a linha os pensamentos e as ideias de grande coordenador francez, ou acaso teria fracassado, como tantos outros, alterando e mesmo viciando, aqui ou acolá, os dizeres valiosos ao mestre incomparavel?

Percorramos corajosamente, de archote á dextra e chapéo á mão, todos os escaninhos da grandiosa construcção, e cathgorica e formal será depois a resposta á suggestiva pergunta ora propositalmente formulada.



As questões de numero, de forma e de movimento, pela grande generalidade que comportam, tornam-se fundamentaes a todos os ramos do saber: nada se poderá tentar com vantagem e acerto no dominio da intelligencia, sem o prévio conhecimento de tão interessantes questões. Por isso mesmo a sciencia que lhes diz respeito vai servir de fundamento, de comprehensão a todas as outras.

Isso no ponto de vista didactico. Historicamente facto analogo se observa: as sciencias começaram a se constituir definitivamente, depois que a constituição da mathematica se tornou uma realidade. Antes nunca.

Effectivamente: até o seculo XVI a mathematica e a astronomia hypparchiana eram as unicas sciencias constituídas; surgiu depois a physica, então sciencia da natureza, com o genial Galileu; a chimica no seculo XVIII, com Lavoisier; cem annos depois a biologia, com Bichat; e finalmente a sociologia e a moral, com o fundador do positivismo.

Assim, si no ponto de vista historico foi a mathematica o primeiro ramo de conhecimentos a se constituir scientificamente, no ponto de vista didactico a mesma coisa lhe deve acontecer: é o seguro ponto de partida a todas as cogitações intellectuaes.

Triplíce a sua divisão fundamental: *calculo*, *geometria* e *mecanica*: o calculo estabelecendo as leis numericas; a geometria explorando as questões de forma; e a mecanica, enfim, instituindo as leis geraes do movimento.

Deixemos de lado os dominios extremos, e cuidemos exclusivamente do medio, para chegar ao fim que desejamos.

A geometria, dissemos nós, deve se occupar com as questões de forma.

Por dous caminhos bem distinctos pode ella chegar ao fim que se destina: o primeiro, onde se estuda especialmente typo a typo, constitue o methodo dos antigos, ou antes a geometria *especial*; o segundo, onde se estabelecem theorias analyticas geraes, constitue o methodo dos modernos, ou antes a geometria *analytica*.

A superioridade desta sobre aquella é incontestavel: basta ver que a geometria especial, estudando um a um typos em numero infinito, nunca que possa pôr termo ás suas explorações, por mais accentuado que lhe seja o desenvolvimento. Deixando-a completamente á margem, tratemos apenas da geometria analytica.

Duas partes deve ella comprehender: a parte *geral*, onde se instituem racionalmente os fundamentos da sciencia; e a parte *propriamente geometrica*, onde as questões de forma começam então a ser francamente exploradas: aquella comprehende a *concepção fundamental* da sciencia e tambem o seu *preambulo geral*; esta, a parte propriamente geometrica, subdivide-se em duas outras, a geometria *algebrica* e a geometria *transcendente*, conforme suas questões vão ser explanadas á luz do calculo algebrico ou com auxilio do calculo transcendente.

Analysemos successivamente cada uma dessas diferentes subdivisões.

A concepção fundamental da geometria analytica reduz-se ao estudo consciencioso e analytico do principio fundamental na sua dupla phase, directa e inversa, quer se trate de curvas planas ou reversas, quer do caso superficial.

Tal estudo exige de um lado a redução das questões de situação a questões numericas, isto é, a instituição dos differentes systemas de coordenadas, e de outros exercicios apropriados ao conhecimento fiel do principio em questão: aquelles limitam-se a dous apenas, o systema rectilineo ordinario e o polar tambem ordinario; os exercicios devem abranger as curvas e superficies mais conhecidas e importantes.

O preambulo geral comprehende o estudo de tres questões distinctas: a theoria analytica da recta, a theoria analytica do plano e a theoria da transposição de eixos. A primeira, que comprehende dous casos distinctos, conforme a recta no plano ou fóra d'elle, reduz-se em qualquer desses casos á resolução de tres problemas: o da *passagem*, o da *inclinação* e o da *intersecção*; a segunda abrange questões totalmente semelhantes para o caso plano; e a ultima, a theoria da transposição de eixos, estuda a mudança de *origem*, de *direcção* e de *inclinação* dos eixos coordenados, encarando a questão com duas ou com as tres dimensões geometricas, terminando pela transformação de coordenadas rectilineas em polares e vice-versa.

Passando á parte propriamente geometrica, e deixando de vez a geometria transcendente, que ora foge completamente ás nossas indagações, ao fim que temos em mira, procuremos examinar apenas a parte algebraica.

Comprehende o seu estudo dous dominios bem distinctos, o *subjectivo* e o *objectivo*.

O dominio subjectivo, instituindo propriedades communs a todas as entidades geometricas, estabelece quatro theorias geraes: a do numero de pontos determinantes, a dos centros, a dos diametros e finalmente a da semelhança; o dominio objectivo, estu-

dando comparativamente as formas geometricas, procura antes e acima de tudo agrupal-as acertadamente, para depois então estudal-as com meticoloso cuidado e desenvolvimento.

Difficil para o caso das superficies, quasi impossivel para as curvas planas e absolutamente impraticavel para as linhas de dupla curvatura, o problema das classificações muito deixa ainda a desejar parecendo mesmo assim se conservar para todo o sempre: é apenas esboçado, no estado actual da sciencia.

Em todo o caso do seu acurado estudo resalta logo, entre as curvas chamadas *binomias*, a existencia dos dous grupos naturaes de curvas que se conhecem, o grupo parabolico e o grupo hyperbolico, ao mesmo tempo que se nota a necessidade de estudar aprofundadamente as tres curvas do segundo gráo, precedidas da bellissima discussão geometrica da equação geral do segundo gráo a duas variaveis e seguidas da indispensavel theoria dos focos e das directrizes.

Depois, á luz da genial concepção de Monge, complemento necessario á criação carteziana, estudam-se as quatro principaes familias geometricas, unicas que em parte podem ser explanadas á luz dos restrictos recursos da algebra ordinaria. E terminam-se as indagações objectivas, a exemplo do caso das linhas, com a discussão geometrica da equação do segundo gráo a tres variaveis e consequentemente com o estudo das superficies do segundo gráo — o ellipsoide, o hyperboloide continuo e descontinuo, e o paraboloides elliptico e hyperbolico.

Tal, em synthese quasi comteana, o suggestivo dominio da geometria algebraica, que o coronel Trompowsky tomou a si explorar no seu notabilissimo livro de estreia.

Examinemol-o cuidadosamente á luz do que ahi fica, afim de ver que o mestre eminente, batalhador sem cotejo nesta terra, conseguiu ferir certo o desejado alvo.

Liberato Bittencourt.



A QUESTÃO FEMININA

I

A MULHER, escrava antiga, emancipada pelo regimen catholico-feudal, que lhe elevou um altar, adorando-a sob os traços da Virgem Immaculada, permanece, ha seis seculos, entregue á tormenta revolucionaria que succedeu á decadencia da civilisação medieva.

Em meio desta anarchia tremenda em que o sexo masculino, na sua quasi totalidade, perdeu de todo a fé antiga, é ella ainda que mantem com mais ou menos fidelidade os dogmas caducos, mas uteis e respeitaveis, da ultima das syntheses provisórias.

Dahi um conflicto permanente entre os dous seres cuja harmonia individual e collectiva é indispensavel á existencia physica, intellectual e moral da Humanidade.

Emquanto o homem liberto das crenças catholicas zomba, em nome da sciencia, das ingenuas crenças dos antepassados, a mulher, cujo coração ainda se não intoxicou do materialismo scientifico apregoado pelo egoismo masculino, continúa a acariciar voluptuosamente os santos mysterios da sua fé, aquelles mesmos que foram o encanto das suas mais nobres e mais dignas antecessoras; aquelles mesmos que arroubaram as almas incomparaveis das Heloisa e das Santa Thereza.

Essa desharmonia de crenças que se manifesta socialmente na anarchia reinante das patrias e do Occidente inteiro, repercute no seio da familia. O lar, em vez de ser o paraizo do amor, torna-se o inferno do desespero. O que a mãe adora com respeito, o filho despreza com dèdem; o que a esposa venera como a reliquia da sua mais cara devoção, o esposo critica com o sorriso máo da mais pungente ironia. Seres que deviam ter a mais completa harmonia de sentimentos, de idéas e de actos, para conseguirem a unidade feliz das almas que se amam, apresentam, ao contrario, o mais deploravel contraste, as mais dolorosas opposições de coração, de espirito e de character. Si moram sob o mesmo tecto, si os corpos vivem juntos, as almas estão longamente separadas.

Dada esta situação, que ninguem póde conscienciosamente negar, como remedial-a?

Os doutores da metaphysica materialista (quasi sempre doutores que não são doutos), os apostolos da falsa sciencia, remediaram-na tentando arrancar das almas femininas esse resto de cultura affectiva que o Catholicismo lhes ministrou; tentam esterilisar o coração da mulher infiltrando-lhe o virus corrosivo de uma sciencia que rebaixa o espirito e atrophia o sentimento; e então pregam que a mulher lhes deve seguir os passos, deve saber o que elles sabem, deve

ser o que elles são: doutores, lettrados, jornalistas, scientistas, etc. Não lhes importa o moral; o que lhes importa é o espirito. Que a Mulher concorra com o homem em todas as funcções, que ella seja, não a nossa amorosa companheira, o anjo protector que nos conforta nas dores e nos desfallecimentos, a verdadeira deusa do nosso lar, mas sim a rival, a adversaria do homem na luta pela vida, onde, segundo taes pseudo-pensadores, o fraco deve ser eliminado e o forte deve vencer!

Sendo assim, temos a sociedade ideal, a sociedade do futuro!

Outros, metaphysicos tambem, mas retrogradados, já não pensam assim. A mulher deve ser mais ou menos o que é; não se deve instruir; é um ser inferior; si não é propriamente escrava é uma tutelada do homem.

Este é o forte; deve governal-a e trazel-a sob seu tyrannico dominio.

Que elle só conheça os segredos da sciencia, as maravilhas da arte e da industria, e ella, alheia a tudo isso, lhe sirva apenas de simples instrumento de goso ou quando muito para dar-lhe prole.

Assim, de um lado affirma-se que a mulher é igual ao homem, do outro que lhe é inferior; de um lado, a mulher é a rival do homem, do outro a sua tutelada, ou antes a sua serva. Mas nem uma nem outra dessas opiniões encerra a verdadeira solução do grande problema da actualidade: o problema feminino que, com a questão proletaria, constitue o objecto principal dos esforços de todos os corações animados por um verdadeiro amor social.

A solução do grande problema já é conhecida. O maior dos pensadores, o que resumiu em seu maravilhoso genio a evolução scientifica e religiosa da nossa especie, sob o influxo objectivo e subjectivo de um extraordinario coração feminino, ha meio seculo instituiu-a de modo completo e definitivo.

Esta solução admiravel, inspirada pelo amor e demonstrada pela sciencia, encontrou echo em muitas almas do sexo amante, entre ellas a de uma illustre escriptora ingleza, Sarah Austin, que, não acceitando o conjuncto da obra immensa do Regenerador, sentiu no emtanto que na questão feminina Augusto Comte era o unico que tinha acertado.

"Ainda não tive tempo de ler vosso *Discurso*, escrevia ella ao Pensador, mas já fui attrahida por algumas paginas a respeito do meu sexo. *Sobre este assumpto não ha mais ninguem a não ser vós*. Os outros, ou nos restringem a uma destinação subalterna e material ou nos chamam a uma existencia contraria á nossa natureza. Vós sois o unico que soubestes conciliar dignamente a submissão com o ascendente, a pureza com a ternura". (AUG. COMTE. — *Cartas ao Dr. Audiffrent*, 3ª c.)

E' esta solução do magno problema que vamos esboçar rapidamente, honrando-nos por sermos o echo do verbo inspirado do Regenerador, honra que não trocaríamos pela da originalidade facil e mediocre dos pretendidos sociologistas modernos, que, na sua maior parte, abusam da ignorancia do publico e procuram illudir-lhe a bôa fé com um aparato de sciencia superficial e arida que fatiga o espirito e entibia o sentimento, propagando a immoralidade e o erro.

Procedemos nesta questão como outro qualquer procederia resolvendo um problema relativo a uma sciencia inferior, por exemplo a geometria. Si neste caso se tiver de usar da lei angular de Thales para chegar-se ao resultado, ninguem desdenhará da solução arguindo-a de falta de originalidade e dizendo que foi resolvida segundo a opinião do geometra grego.

Assim tambem não se poderá desdenhar da solução do problema feminino por ser dada segundo as leis da sociologia descobertas por Augusto Comte.

Num e noutro caso nos subordinamos livremente á Humanidade que por dous dos seus eminentes órgãos, Thales e Comte, nos revelou leis immutaveis em dous dominios da ordem universal: o geometrico e o social.

Si as convicções sociaes não se acham universalizadas como os theoremas da geometria, isso não quer dizer sinão que a complicação e a modificabilidade dos phenomenos politicos não permite *sentir e pensar* sobre elles uniformemente como sentimos e pensamos sobre os attributos mais simples da materialidade, os quaes tambem foram em tempos remotos objecto de concepções ficticias como são ainda hoje para muitos os do dominio social. Dizemos *sentir* e não simplesmente *pensar*, porque todas as concepções humanas reaes ou ficticias não podem ser acreditadas sem que sejam antes o objecto da nossa affeição: a fé é a crença que se ama. A demonstração propriamente nem sempre é possível, mesmo para com as noções fundamentaes indispensaveis ás sciencias mais precisas.

Assim, por exemplo, ninguem póde provar analyticamente, isto é, por simples argumentação, que uma

linha movendo-se no espaço parallelamente a si mesma, gera uma superficie. Tal proposição é tão indemonstravel como o dogma da trindade; e si a philosophia moderna regeita o segundo e accêita a primeira é em virtude de considerações que entendem com todo o conjuncto das leis que nos regem, donde resulta uma harmonia que satisfaz ás nossas aspirações affectivas. "O absurdo de uma proposição, diz o eminente pensador brasileiro, Teixeira Mendes, não póde ser apreciado *analyticamente*, em virtude da sua desharmonia com uma certa ordem de considerações. Para pronunciar-se a tal respeito é indispensavel collocar-se no ponto de vista *sintetico*, julgando da compatibilidade ou da incompatibilidade de cada proposição com as grandes concepções que dominam o nosso estado mental." (TEIXEIRA MENDES. — *O culto catholico*, pag. 31.)

Assim não é a pura argumentação entre doutrinas oppostas sobre a questão feminina, que determina o triumpho da solução verdadeira. A intelligencia só por si nada vale sem o coração; antes de convencer é preciso persuadir; só assim se constitue uma theoria verdadeiramente scientifica, capaz de arcar com todos os sophismas do espirito em revolta.

A solução do problema feminino tal como Augusto Comte a estabeleceu toca ao nosso coração e esclarece o nosso espirito, nos convence e nos persuade. E' uma verdadeira solução scientifica, tão certa como a lei dos tres quadrados, apenas menos precisa pelo gráo de complicação dos phenomenos apreciados.

E' profundamente convencido de tal verdade que iniciamos o nosso estudo, ligeiro embora, sobre a magna questão da Mulher, repetindo ainda uma vez o pensamento da escriptora britanica: "Sobre tal questão não ha sinão Augusto Comte".

(A seguir)

Reis Carvalho.

(Oscar Falca).

Rio, $\frac{\text{Bichat de 115}}{\text{Dezembro de 1903}}$

LIMITES DO BRAZIL E BOLIVIA

A questão de limites entre o Brazil e a Bolivia remonta á metade do seculo XVIII. Nos annos de 1750 e 1777 celebraram a Hespanha e Portugal tratados que os deviam firmar.

Não tendo Portugal jamais reconhecido aquelles tratados a questão continuou de pé. Para por-lhe termo foi celebrado o tratado de La Paz de 1867, que tambem não teve plena execução, por terem surgido duvidas sobre a interpretação de alguns dos seus dizeres, e sobre o traçado da linha divisoria entre o Amazonas e a Bolivia. E como a região que essa linha devia atravessar permaneceu desaproveitada, não houve por muito tempo motivo para que qualquer dos dous paizes interessados a reivindicasse.

O Imperio jamais se mostrou empenhado em resolver as questões de limites que lhe herdara a metropole. Acaso contava que o progresso das populações brazileiras nas regiões limitrophes acabasse por lhe crear maiores direitos a disputal-as por suas. Outra foi a politica da Republica, que, talvez com algum açodamento, ou forçada pelas circumstancias, cuidou logo dessas questões.

O que o Imperio porventura esperava, e que já se havia realisado nas Missões e no Contestado do Amapá, occorreu na região sudoeste do Amazonas. Em busca da borracha, os pioneiros da Amazonia, seringueiros, regatões, commerciantes, aventureiros foram subindo o Purús, que percorreram até ás suas cabeceiras, delle passaram aos seus tributarios, especialmente ao Aquiry ou Acre, riquissimo em syphonia, deste aos sub-affluentes, Riosinho, Xapury, penetrando, sem sciencia nem consciencia do que faziam, sem intenção ou má fé, somente levados do ardor do lucro, dos interesses do seu negocio e da emulação commercial, nas regiões alem da linha obliqua, que todos os mappas quasi sem excepção, — a nosso ver de perfeito accordo com o artigo 2º do tratado de 1867 — traçavam como limite dos dous paizes, desde a formação do Madeira, por 10,º20' S. á nascente do Javary, ainda hoje differentemente demarcada pelos exploradores de 1874, 1897 e 1901.

Desde 1899, deu-se o inevitavel conflicto entre os brazileiros que subiram aquelles rios e os bolivianos que lhes occupavam os cursos superiores e as cabeceiras, e que, é a nossa opinião, estavam em territorio seu.

Em frente desses conflictos, da grave situação que elles ali creavam, do sentimento publico, que não só na Amazonia mas no Brazil inteiro se pronunciou pelos nossos nacionaes, a questão, até então ali latente, não pode mais continuar em repouso. A grita levantada no Amazonas, e na qual nem tudo seria puro e direito, em favor das pretensões dos brazileiros do Acre, achou éco no paiz. Uma nova, e a nosso ver errada, interpretação do tratado de 67 surgiu, deparando-se-lhe partidarios. A linha da fóz do Beni no Madeira por 10,º20' S. devia ser uma linha quebrada, cuja primeira recta acompanharia o paralelo 10º20', até á linha do limite do Perú e dahi seguiria até encontrar as nascentes do Javary. Esta linha satisfazia os interesses dos seringueiros e negociantes da região e os do Estado do Amazonas e lisongeava a ambição nacional de estender até áquelle paralelo o nosso territorio. Não admira que fosse geralmente aceita.

O governo de então, do Sr. Campos Salles, não adoptou, e com toda a razão, este alvitre de ultima hora. Reconheceu a mencionada linha obliqua e sobre esta base tratou, não fazendo aliás sinão continuar a tradição da Chancelaria brazileira que desde 1867, isto é, por mais de 30 annos, vinha declarando boliviana a região ao sul dessa linha. Igual havia sido pouco antes o procedimento do governo do Sr. Prudente de Moraes, cujo ex-ministro do Exterior, o Sr. Carlos de Carvalho, defendeu num luminoso e valente artigo aquella justa comprehensão do tratado de 1867.

Foi nesta conjunctura, quando todo o mundo no Brazil reclamava o Acre inteiro como brazileiro, animava e applaudia os revoltosos que ali já se haviam constituido em estado independente, ia até a aconselhar a guerra á Bolivia, uma guerra de conquista que lhe arrebatasse aquella região, que aqui chegou o Sr. Barão do Rio Branco, para assumir o cargo de Ministro das Relações Exteriores.

A sua situação era extremamente difficil. Não era, não podia ser, um vulgar secretario daquella pasta. Sobre ser um dos homens publicos mais justamente estimados do Brazil, de mais solida, e bem merecida reputação, como diplomata e sabedor das cousas da nossa historia e geographia e das nossas questões internacionaes, e de um patriota *sans peur et sans*

GRUPO DOS NEGOCIADORES DO TRATADO DE PETROPOLIS COM OS SEUS AUXILIARES



1 — Senador Fernando Guachalla, ministro da Bolívia em missão especial.
 2 — Ernesto Ferreira.
 3 — Contra-almirante José Candido Guillobel.
 4 — Dr. J. F. de Assis Brazil.
 5 — Dr. Claudio Pinilla, ministro das Relações Exteriores da Bolívia.
 6 — Zacharias de Góes.

7 — Barão do Rio Branco.
 8 — Domicio da Gama.
 9 — Campos Paradedá.
 10 — Pecegueiro do Amaral.
 11 — Paula Fonseca.
 12 — Emilio Fernandes.

reproche, elle tinha opiniões sobre o assumpto, escriptas e gravadas nos seus trabalhos geographicos. Essas opiniões não eram, quanto ao Acre, precisamente as da immensa maioria dos que lhe faziam aqui uma recepção triumphal. Acresce mais que elle encontrava a questão pessimamente collocada para uma solução que satisfizesse a vontade declarada de toda a nação de ficar com o Acre. Continuando o governo imperial, os governos republicanos tinham formalmente e por actos reconhecido a soberania da Bolívia no territorio que se queria agora disputar-lhe.

Nesta situação tres alvites se apresentavam á acção do ministro: a guerra, que havia loucos por desejar; o arbitramento ou negociações que, mediante reciprocas concessões, conseguissem finalmente obter para o Brazil o territorio de que este fazia, cumprir não esquecel-o, absolutamente questão. Afastada por insensata a primeira, restavam o arbitramento ou

as negociações. Ora o arbitramento não podia convir, pois não resolvia a questão que era conservar para o Brazil uma região occupada por mais de 60 mil brasileiros, região que não podia haver duvida seria pelo arbitro adjudicada á Bolívia, taes e tantos eram os seus titulos á posse della. Restava tratar, e foi o que fez o Sr. Rio Branco, com pleno successo, dado o estado da questão e as exigencias da Bolívia, que certissima de que o Brazil fazia absolutamente questão do Acre, jogou habilmente com este sentimento nosso.

O resultado dessas difficeis negociações, que á nossa soffreguidão meridional pareceram, sem razão, demoradas, é o tratado de 17 de novembro ultimo, assignado em Petropolis, entre os Srs. Rio Branco e Assis Brazil pelo Brazil, e Pinilla e Guachalla, pela Bolívia, e ora em discussão no nosso Congresso, depois de haver sido approvedo no da Bolívia. Pelo novo tratado serão os seguintes os limites com a Bolívia:

Partirá a linha, ao sul, do rio Paraguay na latitude de 20° e quasi 9', como no tratado de 1867, ficando porém a Bahia Negra pertencendo á Bolivia. Da extremidade noroeste da Bahia Negra seguirá uma recta á lagôa de Caceres, a 19° S., que fica toda pertencendo á Bolivia. Da lagôa de Caceres, continúa a linha, também recta, até á lagôa Mandioré, que divide entre o Brazil e a Bolivia, ficando esta com um trecho de terra firme na margem meridional da lagôa. Saindo pelo extremidade norte dessa lagôa vae a linha recta cortar primeiro a de Gahyba depois a de Uberaba, de modo que fiquem ao Brazil as terras altas das Pedras de Amolar e de Insúa. Do extremo norte da lagôa Uberaba a fronteira segue em linha recta ao extremo sul da Corixa Grande, salvando as povoações brazileiras e bolivianas, que ficarão respectivamente do lado do Brazil ou da Bolivia; do extremo sul da Corixa Grande irá em linhas rectas ao Morro da Boa Vista e aos Quatro Irmãos; destes, também em linha recta até ás nascentes do Rio Verde; baixará por este rio até a sua confluencia com o Guaporé e pelo meio deste e do Mamoré até o Beni.

O tratado de Petropolis, neste ponto das fronteiras de oeste, não é sinão o desenvolvimento natural do tratado de 1867, e frequentemente apenas a repetição delle, e a realização do pensamento de estadistas dos mais esclarecidos e de publicistas dos mais allumiados do Imperio, como o Marquez de S. Vicente e Tavares Bastos. E é ao mesmo tempo um glorioso exemplo de um novo espirito de intelligente generosidade nas relações internacionaes americanas, que rompe com a estreita, atrazada e irracional tradição de chinezismo dessas relações na America do Sul. Damos á Bolivia duas saidas para o Atlantico, de ambas as quaes devem forçosamente resultar notaveis vantagens para nós.

Da confluencia do Beni desce a linha pelo Madeira até a fóz do Abuná, e sobe por este rio até o parallelo 10°20'; dahi, por esse parallelo, até o rio Rapiuran e por este subirá até á sua nascente principal. Pelo parallelo desta irá encontrar o rio Iquiry, subindo por este até a sua origem, donde seguirá até o igarapé Bahia, de cuja nascente, descendo-o até a sua confluencia no Acre, subirá por este á sua nascente até o parallelo 11° e depois por esse parallelo até a fronteira do Perú.

Entre o Madeira e o Abuná, formando um triangulo que tem por base a antiga obliqua da nascente do Madeira á do Javary, cedeu o Brazil á Bolivia um territorio de 2,296 kilometros quadrados, sendo o ga-

nho territorial do Brazil nella de 191,000. Quer dizer que alem do que reclamavam os nossos mais acesos patriotas, a nosso ver sem razão, isto é o territorio ao norte do parallelo 10°20', o tratado de Petropolis adquiriu para o Brazil a maxima parte do territorio entre esse parallelo e o 11°. E esse vasto territorio é maior que o de qualquer dos nossos Estados de medio tamanho, Pernambuco, Ceará, Parahyba, Santa Catharina, Rio de Janeiro, maior que os dos quatro Estados de Alagoas, Rio Grande do Norte, Espirito Santo e Sergipe sommados, e a mais rica região de borracha do mundo.

Teve o Brazil, porem, de fazer algumas pequenas cessões territoriaes inevitaveis. Já vimos a do triangulo Abuná-Madeira. Na região limitrophe de Matto-Grosso diversos trechos de terra, em geral alagadiça, á beira das lagôas e a Bahia Negra importaram em 868,16 kilometros quadrados, que com os daquelle triangulo elevam a cessão de terras brazileiras a pouco mais de 3.164 kilometros quadrados.

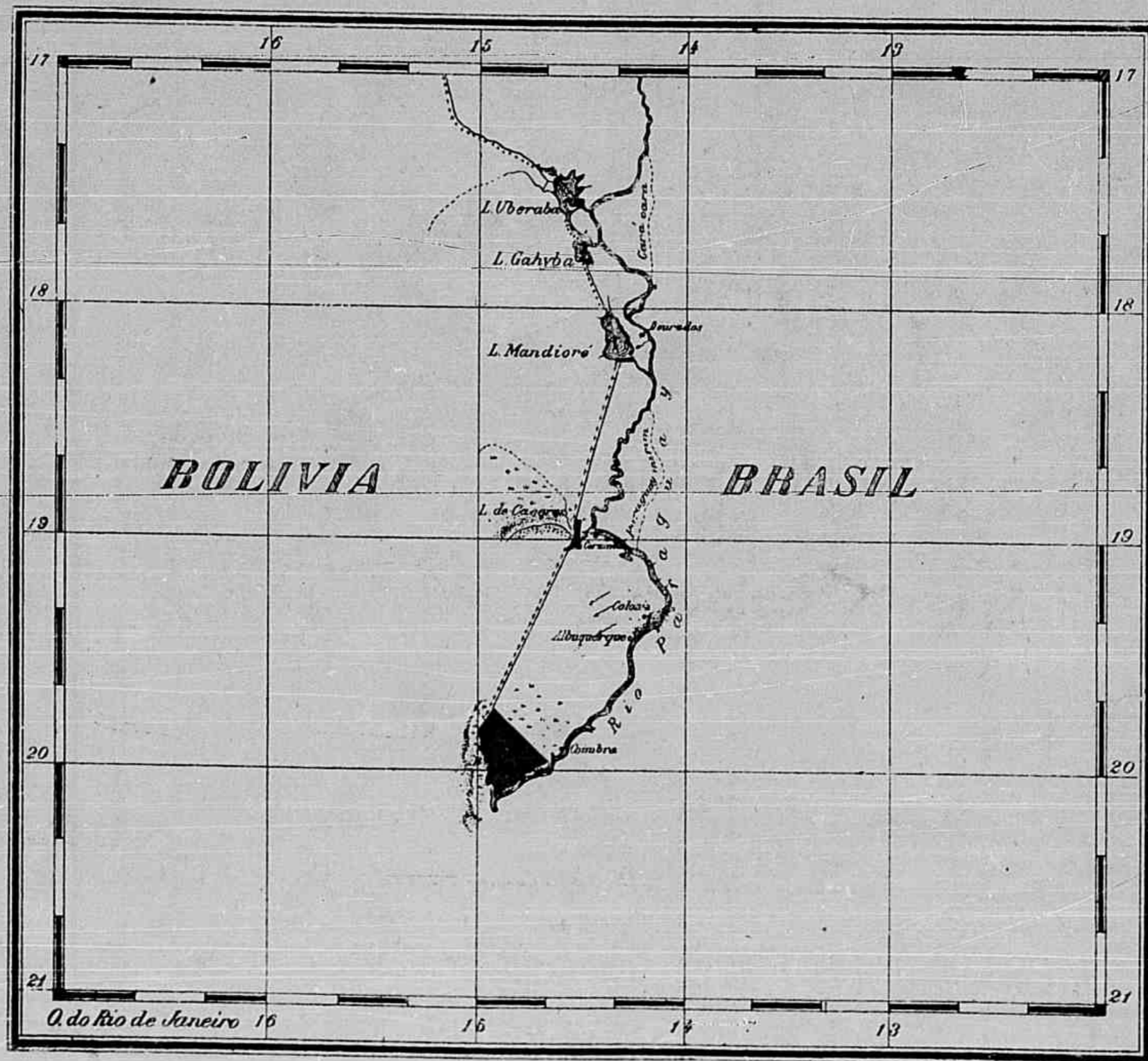
Obrigou-se também o Brazil a pagar a indemnização de 2 milhões esterlinos e a construir a estrada de ferro do Madeira ao Mamoré, para salvar as cachoeiras que nesse trecho impedem a navegação, estrada desde muito reconhecida de enorme vantagem não só para a Bolivia mas talvez principalmente para o Brazil.

V.



DR. EDUARDO LISBÔA
Ministro do Brazil em La Paz.

PARTE DA FRONTEIRA DO BRASIL COM A BOLIVIA EM MATTO GROSSO



Os quatro pontos vermelhos indicam os territorios de Matto Grosso, transferidos á Bolivia

LES VOIX INTÉRIEURES



(XXXI)

LA TOMBE DIT À LA ROSE :
DES PLEURS DONT L'AUBE T'ARROSE
QUE FAIS-TU, FLEUR DES AMOURS ?
LA ROSE DIT À LA TOMBE :
QUE FAIS-TU DE CE QUI TOMBE
DANS TON GOUFFRE OUVERT TOUJOURS ?

LA ROSE DIT : — TOMBEAU SOMBRE,
DE CES PLEURS JE FAIS DANS L'OMBRE
UN PARFUM D'AMBRE ET DE MIEL.
LA TOMBE DIT : — FLEUR PLAINTIVE,
DE CHAQUE ÂME QUI M'ARRIVE
JE FAIS UN ANGE DU CIEL.

Victor Hugo.

MUSICA DO MAESTRO

Francisco Braga

LES VOIX INTÉRIEURES

Andantino.

Chant

La tom-be dit à la ro-se: - Des fileus dont l'aube t'ar-ro-se

Andantino

liano.

Dim.

Que fais-tu, fleur des a-mours? La ro-se

Dim.

dit à la tom-be. - Que fais-tu de ce que tom-be Dans ton gouffre ou-vert tou-

dec. rit.

Dolce

jours. a tempo La ro-se dit. - Tombeau

*ped. * ped. ff*

très doux
soir-ée, De ces pleurs je fais dans l'om-bre Un par-fum d'ambret de miel.

p
Ped * Ped * Ped *

La tom-be dit - Fleur plain-ti-re. De chaque à-me qui mar-

p
Ped * Ped * Ped * Ped * Ped *

ri-ve Je fais un an-ge du ciel *rit.*

pp *f* *p*
Ped * Ped * Ped * Ped * Ped *

dim

Ped *

Instituto Profesional, Villa Isabel
Maio 1902

Francisco Braga

... O criado que nos servia o jantar, acabava de tirar os últimos pratos. Poz ao centro da mesa um grande jarro cheio de flores e desapareceu discretamente. Cada um de nós tinha perto de si uma chicara de café fumegante. Fazia frio. Lá fóra, a chuva cahia em jorros. Pensámos um momento em sahir dalli e ir para a sala de visitas ou para o meu gabinete. O Alberto protestou:

—Para que?! Vamos ficar aqui mesmo. E' uma viagem inutil.

Estavamos tão bem, que eu só repliquei pelo vago desejo de o contrariar, de, pelo menos, dizer qualquer cousa:

—Não me parece que a viagem fosse muito longa; acredito que se gastaria mais tempo em ir ao polo norte...

O Alberto não respondeu logo. Cortou vagarosamente a ponta do charuto, accendeu-o e soltou um primeiro novêllo de fumo...

A conversa tinha sido animada durante todo o jantar. Falláramos de tudo: de amor, de literatura, de philosophia e, por fim, de musica. Uma narrativa do Lino nos atirára a um vago estado de tristeza e scisma, de que tínhamos difficuldade de sahir.

Afinal, o Alberto attendeu á minha objecção:

—Por pequeno que seja o prazer junto do qual nós estamos, é sempre loucura afastarmo-nos d'elle um passo, uma pollegada, um centimetro!

E tinha na voz, dizendo isto, uma amargura profunda e desanimada. Mas o Lino atalhou:

—De nós tres és tu precisamente o menos apto para nos dar tal conselho: tu, que tens passado por séca e méca, corrido os cinco continentes, viajado todos os mares, que não te aquietas, não te accommodas em parte alguma... Andas de antipoda a antipoda e prégas a immobilidade para ir de uma sala a outra!

—Tens razão... Menos, porem, do que podes acreditar. Eu creio que ha nisto uma maldição. Sinto, vejo, comprehendo melhor do que ninguem a vantagem de ficar tranquillo. Quando, todavia, estou mais persuadido de todas as excellentes razões para não sahir de onde me encontro, acho-me, sem saber porque, com um bilhete de viagem para a Europa ou para a Asia, a bordo de qualquer navio. Devo ser da linhagem do Judeu Errante.

—Pois olha, murmurei eu, nem sabes como te invejo! Em primeiro logar, ha de certo uma grande delicia em correr o mundo, vér céus, vér terras, vér povos extranhos. Depois, ser-me-ia, sobretudo, um prazer, a bordo, aqui e acolá, ter uns meigos e fugitivos amores, apenas começados e immediatamente acabados. Restaria delles a mim e ás minhas mal conhecidas amantes uma saudade profunda e suavissima. Saberia dominar tudo quanto tenho de baixo e grosseiro: apparecer-lhes-ia como um homem superior, desinteressado e nobre. Ficaria na memoria d'ellas, como a recordação de uma aventura fugaz e divina. A todas as horas imaginaria sempre que num canto remoto da terra, fosse onde fosse, em Paris ou na China, em Londres ou na Australia, haveria uma mulher pensando em mim.—E teria tambem amigos, feitos rapidamente no tombadilho dos navios, no encontro de cidades longinquas. A uns eu me faria passar por uma alma torturada e melancolica; a outros como um typo de energia; a outros afinal daria a

inveja que a todos inspira a figura romanesca de D. Juan. E cada um me faria as suas confidencias. No silencio do meu quarto, no aconchego tépido desta sala, em qualquer parte onde eu me sentisse desamparado e só, tiraria da minha memoria, ora a evocação desse harem, ora o romance de todas essas almas amigas, que me tivessem confiado, como a um confessor leigo, o segredo de suas vidas... A cada um eu contaria tambem, como si tivesse occorrido commigo, um facto perfeitamente analogo, para que, quando pensassem nas suas aventuras, fossem tambem um pouco forçados a pensar em mim.

O Alberto tinha sahido de junto da meza. Sentára-se num pequeno sofá, cruzára as pernas e enquanto, com um gesto do dedo minimo fazia cahir a cinza do charuto, tinha nos olhos e nos labios uma expressão levemente ironica. Mal eu acabára, elle fallou. Fallou com uma voz abafada e lenta, articulando mollemente as syllabas:

—E que prazer tirarias d'ahi? Terias, sommadas ás tuas, as amarguras de todos esses desgraçados. Cuidas então que não tive taes amores? taes amizades? Menti a todos elles. Hoje, quando evoco essas figuras passageiras, não posso deixar de pensar que ellas tambem me illudiram. Das mulheres que se me afiguraram mais candidas, penso nas torpezas, nas miserias, nas traições. Era o que certamente havia sob essas mascaras tão vís ou mais vís ainda que a minha. Ha boccas divinas, que eu beijei nos arroubos mais sublimes do amor e cujos beijos me fazem hoje um asco profundo. Queria saber bem, não haver mais nos meus labios uma só das cellulas maculadas com esse contacto. Queria cauterisa-los a ferro em braza, si a ferro em braza me fosse tambem possivel queimar no cerebro o ponto exacto onde está a memoria implacavel desses minutos de um goso miserimo, tão caramamente compensado! E os amigos? Tive-os, tenho-os ainda... Confidencias? Eu as recebi em toda parte. Ao vér a leviandade com que alguns me abriam os corações, eu sentia nelles a soffreguidão de repartirem com outros o peso doloroso da sua alma! O que cada um nos conta de preferencia são as suas dôres, as suas angustias, os seus supplicios... Dizem que é amizade, e é egoísmo. Querem Cyreneus para as suas cruces!

Nós estavamos habituados aos paradoxos pessimistas do Alberto. Seria por isso que ninguem se deu ao trabalho de contesta-lo? Seria antes porque achassemos alguma cousa de justo sob a apparente extravagancia dos seus exaggeros? O certo é que nos detivemos calados. Foi elle mesmo, que retomou a palavra:

—Na ultima viagem que eu fiz de Liverpool aos Estados-Unidos, tive um companheiro, de quem, no primeiro dia, julguei poder fazer um excellente amigo. Era um bello homem. Tinha cerca de 40 annos. Typo inglez, louro, alto, forte, olhos de um azul escuro no qual havia certa expressão de serenidade grave, todo elle inspirava uma sympathia profunda. Elegante, sem maneirismo nem affectação, fazia gosto admirar-o.

Creio que cada um de nós teve o mesmo movimento de sympathia pelo outro. Quando nos vimos no mesmo camarote e soubemos que teriamos de fazer juntos a mesma travessia, foi elle quem tomou a iniciativa de se me apresentar. Fiz o mesmo. Uma hora depois, passeavamos juntos no tombadilho. Como o inglez que eu fallava não fosse um primor de correcção, passámos a conversar em francez.

Era deveras deliciosa a sua palestra erudita e fina. Rico, tinha viajado bastante, enquanto moço. Fôra depois

viver, casado e feliz, na sua terra natal : a Escóssia. «Ha tres annos, porém, disse-me elle, desde que perdi um amigo querido, cahi num tal estado de espirito que não posso definir. E' agora sómente, por uma necessidade ineluctavel, que sou forçado a ir aos Estados-Unidos, onde me demorei, no maximo, oito dias. Só a presença da minha Kate pode dar-me um pouco da tranquillidade de espirito de que preciso.»

Effectivamente, a nota predominante da sua physionomia era a tristeza. Fallou-me da filha apaixonadamente. A pequenina tinha então sete annos. O retrato que elle me fez vêr mostrou-m'a como uma criança lindissima.

—«Será hoje, disse então, a primeira noite em que terei de dormir sem ter na minha a sua mãozinha !»

O modo pelo qual elle disse essa phrase, pareceu-me extranho. Extranho, ou pelo menos exaggerado. Continuámos a conversar. O vapor era de excellente marcha. A' tarde, havíamos perdido a terra de vista. Ficámos juntos á hora das refeições, juntos estivemos desde a manha até as 10 da noite.

—Que cacetes !—exclamou o Lino.

—Creio que não...—volveu o Alberto. Supponho que nos encantámos reciprocamente. Ambos tínhamos vivido muito, corrido céus e terras diversos ; mas parece que nenhum havia encontrado ainda o companheiro ideal, o amigo perfeito, a alma gêmea da sua : e cada um de nós julgou reconhecer tudo isso, subitamente, no outro.

O vapor vinha cheio ; mas naquelle primeiro dia o tombadilho não estava muito frequentado. Passageiros pouco habituados, deixavam-se ficar embaixo, enjoados. A's vezes, os que tinham vindo para cima, sacudidos por um grande mal-estar, approximavam-se de repente da amurada, tomados de vomitos incoerciveis... Outros ficavam-se sentados, com os olhos rasos de pranto, pensando ainda nos que acabavam de deixar... Grupos de crianças punham um pouco de animação naquillo, correndo, perseguindo-se uns aos outros. A's vezes quando o vapor dava guinadas mais fortes, alguns cahiam e os demais em grande alarido, zombavam da sua queda. Havia, entretanto, viajantes que estavam bem á vontade, alegres, uns passeando, outros lendo, outros jogando. Uma mulher morena, uma bella mulher, alta, elegante, cheia de corpo, com uns grandes e radiantes olhos negros, de uma formosura esplendida, passou todo o dia sentada em uma *chaise longue*, immovel, fitando o mar, fitando-o com olhos absortos de quem, continuando uma intima scisma, olha sem vêr... Fomos os unicos que estivemos todo o tempo no tombadilho : a bella passageira e nós. A's dez horas, quando iamos descer ouvimos o commandante que viêra conversar com ella, dizer-lhe que estava satisfeitissimo com a viagem :

—Estamos, graças a uma brisa de pôpa, andando á razão de 20 milhas por hora.

Ella respondeu com um simples sorriso de cortezia, indicando bem claramente que não queria continuar a conversa. Elle insistiu :

—Assim terá o prazer de uma viagem extremamente rapida.

Ella fez um gesto de profundo desprendimento e disse apenas :

—Oh ! Para mim, é o mesmo...

E, parecia indicar que para ella o tempo já não tinha valor... Que fosse um dia ou fosse um anno, corresse o vapor como uma setta, ou vogasse no mar eternamente, como um desses navios phantasmas das lendas mysteriosas, tudo lhe era soberanamente indifferente !

Que segredo haveria naquella alma de mulher ? Foi de tal modo triste, de tal modo desalentada a inflexão de sua voz, que eu desci com um frio no coração... O dia passara para mim, ao contrario do que é habitual, sem uma sombra de tristeza ; bastaram todavia aquellas palavras tão banaes pelo significado, mas tão amargas pela expressão, para fazerem refluir-me ao espirito, toda a amargura do meu pessimismo.

Não disse mais uma só palavra—sinão, ao deitar-me, um simples—*Boa-Noite*—ao meu companheiro de quarto. Dos nossos dois beliches, superpostos, o d'elle era o de cima.

D'ahi a pouco, eu estava dormindo, um somno pesado.

Acordei de subito. Um pesadello horrivel me torturava. Via-me em uma revolução. Tinham armado na rua uma barricada, com grandes pedras. Contra as forças do Governo, eu me batia com um denodo heroico. Houve um momento em que tive a temeridade de escalar a barricada, trepar-me ao alto e de lá, em pé, pôr a arma á cara com toda a serenidade, e visar um inimigo. Nisto, uma pedra rolou a meus pés e eu cahi—cahi para o lado dos adversarios. Rapido, um d'elles adiantou-se, tomou-me uma das mãos e começou a arrastar-me pela rua, correndo. Era uma corrida vertiginosa. Meu corpo, inteiramente chagado, doia horrivelmente. Nas feridas, abertas em carne viva, a terra das ruas entrava, augmentando a tortura... A cabeça, minha pobre cabeça, era, sobretudo, o que me fazia soffrer : ouvia-a, sentia-a bater, de choque em choque nos angulos das pedras, e cada vez uma dor finissima terebrante, varava-me o cerebro como um estylete agudissimo... O soldado que me levava, prendia-me apenas pela mão, a larga mão ossuda e forte que apertava a minha... Foi nessa occasião, quando já tinha percorrido um extenso trecho, deixando como vestigio, pelo caminho, laivos do meu sangue, que eu despertei.

Despertei e senti que o que me acordára tinha sido a mão do meu companheiro de viagem, que apertava a minha desesperadamente. No primeiro instante, custei a comprehender a situação. Estremunhado, com a lembrança nitida do pesadello, no escuro do camarote, sentindo uma intensa dôr de cabeça, não percebi o que queria dizer aquelle homem, junto de mim, segurando tão fortemente a minha mão.

Da sua voz, eu guardo ainda nos ouvidos o tom de angustia e de terror...

Elle me dizia :

—Desculpe-me : eu sei que o incommódo muito... Eu estou doído... Mas não largue a minha mão... Não largue...

Este pedido que eu não lhe largasse a mão, voltava insistentemente, com um desespero incrivel. De facto, porem, era elle que segurava, que se agarrava a mim com uma furia incrivel, quasi esmagando meus dedos...

Procurei acalmal-o. Tive por algum tempo a convicção de que era realmente um acesso de loucura.

Disse umas vagas phrases de consôlo ; pedi-lhe que se deitasse. Elle não me attendia :

—Ainda não... ainda não... não largue minha mão... d'aqui a pouco... d'aqui a pouco...

Apezar da lucta, apezar do esforço, eu sentia que essa mão tão crispada á minha estava gelada. Era um frio intenso que me penetrava as carnes, que me subia pelo braço... O desgraçado arquejava...

—Sente alguma cousa ?—perguntei eu.

—Não... Não imagina... E' horrivel... Não largue minha mão...

Isto durou pouco mais de meia hora. Depois eu senti-o aquietar-se. Deu um grande suspiro de quietação e allivio, tirou a mão da minha, saltou rapidamente para o seu beliche e disse-me : *Merci!*

Na cama, eu senti-o, entretanto, que chorava, chorava mordendo os travesseiros, abafando os soluços para que eu os não ouvisse.

Foi-me impossivel dormir.

A trepidação rythmica da machina, batendo cadenciada, parecia o largo pulsar de uma respiração que arquejava... Fóra, havia um batido de aguas carinhoso, quasi rente á escotilha do nosso camarote, lambendo de manso a quilha do navio.

A cabeça doia-me horrivelmente.

A's vezes, por momentos fugacissimos, as palpebras se me cerravam, n'uma vaga modorra e, ao despertar eu ficava em duvida si effectivamente alguma cousa succedera ou apenas tinha sido um sonho.

Mas, a confirmar-me da realidade dos factos, eu sentia o chôro do meu companheiro, um chôro contínuo e magoado, mas tão fraco, tão baixinho que o rumor do mar, mal o deixava ouvir.

Seria realmente um louco?

A razão de tudo aquillo, só no dia seguinte o vim a perceber.

Fui eu quem primeiro sahiu do camarote.

Quando, uma hora depois, passeava no tombadilho, Jorge—o meu companheiro se chamava Jorge Sidney—subiu e veio saudar-me.

Estava pallido, com olheiras roxas, a face tão desfeita, como si houvesse envelhecido de muitos annos.

Não trocámos, no primeiro instante, sinão um cumprimento banal ; nenhum de nós dois alludiu aos factos da noite. Não achamos, porem, meio algum de encetar conversa : evidentemente a lembrança d'aquelles extranhos successos nos obsedava.

Afinal, como tivessemos chegado ao ponto mais deserto do tombadilho, bem no extremo da pôpa, Jorge me deteve:

—O senhor ha de considerar-me um louco—disse elle.

Eu fiz um vago gesto de negação. Elle continuou :

—Não me interrompa. Talvez, si o fizesse, me faltasse força para ir até o fim. Conhecemo-nos apenas ha um dia, mas eu julgo tel-o reconhecido como um homem de honra, a quem se pôde confiar um segredo. E' o segredo horrivel da minha vida, que não ha por todo o mundo uma só pessoa que conheça, o que lhe vou narrar.

Debruçámo-nos ambos á amurada.

O bater da helice deixava um rasto branco de espuma, assignalando a esteira do navio. Não havia na superficie do oceano o vestigio de uma vela qualquer. Ceu e mar : nada mais...

O sol punha faiscações de ouro no ondular das aguas, agitadas levemente. No azul, um azul muito claro, não existia sinão um leve farrapo de nuvem, um cumulus de algodão alvissimo, que vogava lentamente, subindo de um ponto remoto do horizonte para o calmo zenith luminoso...

E elle me contou o drama da sua existencia—drama occorrido em uma noite, rapido e terrivel.



Estava hospedado na sua casa de campo, na Escossia, um dos seus amigos, Nathaniel Break. Era um industrial

riquissimo. Tinha ficado alli, por alguns dias, caminho de Londres, onde ia effectuar uma transacção avultada. Vendera para isso uma das suas fabricas, cuja importancia, que montava a 25.000 libras, trazia ainda comsigo.

Na vespera da sua partida foram fazer um passeio ; elle ia ver uma fabrica que ficava a curta distancia.

Em certo momento, como parassem á margem de um rio que corria perto da casa de Jorge, Nathaniel lembrou-se de colher uma flor aquatica lindissima, que brotara n'um pequenino remanso do rio,—rio, que então avolumado pelas cheias, passava torrencial, bramindo, espumando. A dois passos havia uma cascata. Ouvia-se-lhe o fragor. Mas, n'aquelle humilde recanto, protegida por grossas pedras limosas, tinha podido conservar-se a delicada flor, cujo caule finissimo emergia da agua. A corolla azul, com o centro de um leve côr de rosa desmaiado, oscillava docemente. Nathaniel quiz apanhal-a. O amigo advertiu-o do perigo. Elle insistiu. «Deita-te de bruços na margem e dá-me a tua mão». Jorge obedeceu. O outro desceu, quebrou o talo da flor, metteu-a entre os dentes—tudo isto com a mão esquerda, a direita fortemente agarrada á de Jorge.

Quando quiz subir e teve de dar um forte impulso para içar o corpo, as pedras rolaram sob seus pés. Ficou suspenso unicamente por aquella mão, da qual dependia sua vida, ou sua morte.

—Nesse momento...

«Nesse momento, disse-me Jorge, uma ideia diabolica atravessou-me o cerebro. Si aquelle homem morresse, eu podia apoderar-me das 25.000 libras, que estavam em minha casa, na sua mala de viagem.

«Fidalgo pobre, vivendo apenas de escassos rendimentos, aquella somma seria para mim a garantia do futuro—do futuro da minha filha, que era, sobretudo, o objecto constante das minhas preoccupações.

«N'um segundo, eu vi, eu senti no meu cerebro o atordoamento de uma lucta horrivel ; todo o meu passado de irreprehensivel honestidade, toda a hediondez de ser o assassino de um dos meus intimos amigos, tudo isso defendia-se contra o assalto monstruoso d'aquella tentação miseravel. Mas a tentação venceu ! Era tão facil simular um accidente ! O proprio Nathaniel podia não perceber o meu proposito criminoso : bastava que eu desprendesse minha mão da sua e elle acreditaria que ella me tinha escapado.

«No momento da execução, as cousas não correram com a mesma simplicidade. E' verdade que me bastou um gesto brusco para puxar a mão—á qual elle se agarrava com um desespero enorme, estando, como estava, inteiramente pendurado della. Foi menos de um segundo. Tive apenas o tempo de ver-lhe o olhar—um terrivel olhar de assombro e pavor ante o meu crime...

«Que era um crime, eu vi bem que elle comprehendeu naquelle momento decisivo. E foi, entretanto, uma fracção de segundo : cahiu para traz, bateu em cheio com a cabeça n'uma pedra, fez-se uma poça vermelha na agua clara, mas logo, o corpo levado pela correnteza, foi caminho da cachoeira... Mais alguns minutos e estaria longe.

«Feliz ou infelizmente, eu tive a partir desse momento, uma tranquillidade extraordinaria. Levantei-me, limpei a terra que havia no meu peito por ter estado de bruços, e segui tranquillamente, afastando-me de casa.

«Devia voltar, dar-me como testemunha do facto, affirmando que fóra um accidente ?

«Não haveria quem não me acreditasse. Vi, porem, logo, que si tal succedesse, eu teria de fazer restituir as 25.000 libras : nada explicaria o seu desaparecimento.

«Ao sairmos de casa, estava combinado que iríamos até certo ponto juntos e ahí nos separaríamos: elle para ver uma fabrica dos arredores, e eu para visitar uma velha parenta, cuja herdade distava da minha uns bons kilometros. Fui. Ganhei rapidamente o tempo perdido. Passei lá um dia delicioso. Estive amavel, jovialissimo, de uma naturalidade perfeita—ninguem seria capaz de notar em mim a minima sombra de uma preocupação qualquer. Fallei algum tempo de Nathaniel: fallei sem affectação nem exaggero, mas referi a nossa velha amizade e a satisfação que sentira em tornar a vel-o. Foi um assumpto, entre mil outros, na nossa palestra: não tive ao tratar d'elle a minima insistencia suspeita. Minhas palavras chegaram apenas ao bastante para deixar no espirito dos meus interlocutores mais um testemunho da minha muita amizade pelo homem que acabava de assassinar.

«Despedi-me á tarde. Parti para casa.

«Em meio do caminho, encontrei portadores que vinham á minha procura. Tive, é certo, um momento de angustia terrivel, quando os enxerguei: alguem me teria visto praticar o crime? Ninguem. Vinham prevenir-me. Não se sabia si era um accidente ou um homicidio.

«Senti, senti immediatamente que physionomia devia tomar, que gestos devia fazer, que interjeições devia ter... Precipitei-me a galope. Entrei em casa como um louco. Todos se affastaram respeitosaente ante a minha dor. Homens que estavam allí como simples curiosos, levaram os lenços aos olhos, vencidos pelo espectáculo d'aquelle immenso desespero.

«Eu gritava, fóra de mim, possuido pelo papel: *Meu amigo! Meu amigo!*

«E ia nessas palavras tanta amargura que todos se sentiam dominados pelo meu soffrimento.

«Achei-o deitado de costas, num sofá apenas forrado por um lençol branco. Sua leve roupa clara de *touriste* elegante, encharcada, adheria ao corpo. Os olhos estavam semi-cerrados: era hedionda uma linha branca que se via entre as palpebras. Quando o apanharam já tinha perdido todo o sangue. O cabello louro ficára perfeitamente limpo. Exactamente por isso, era ainda mais horrivel notar a enorme fenda que passava transversalmente sobre o olho esquerdo: os ossos estavam bem separados. Ao bater na pedra que lhe fizera aquella ferida, deixara nella um largo pedaço de pelle—era o osso que se via, com as estilhas irregulares da fractura!

«Houve um momento em que, possuido de um accesso extremo de dôr, abracei meu amigo, solevantando-o um pouco do canapé. Mas, como si elle tivesse receio de que eu o fosse beijar, senti que furtava a cabeça... senti ou julguei sentir. A verdade é que elle quebrára a espinha dorsal justamente ao nivel do pescoço e, tendo eu erguido o corpo, a cabeça cahiu para traz. Cahiu um pouco torcida para meu lado, e por entre os labios lividos, arregaçados por sobre os dentes muito brancos, numa expressão que parecia ser a de um sorriso sardonico, passou uma golfada de agua, de uma agua grossa, saburrosa, viscosa, que sujou o lençol com um risco lamacento. Quando julguei perceber o gesto de sua cabeça, furtando-se ao meu beijo, tive um calafrio da cabeça aos pés. Logo porem, ouvi na assistencia alguem que me explicava o caso, enumerando as diversas contusões e fracturas: a da espinha, a do craneo na parte posterior e a que ficava sobre o olho esquerdo.

«No fim de algum tempo o commissario de policia, pediu aos meus amigos que me tirassem d'alli.

«Contou-me então como se achára o corpo. Disse-me que perto do lugar tinham prendido um vagabundo, sobre

o qual recahiam suspeitas. Quando o prenderam, elle teve tempo de jogar á agua qualquer cousa que se não pudera achar. Seria o dinheiro roubado? Seria alguma joia? Eram estas e outras informações que esperavam de mim.

«Eu lhes disse immediatamente que sabia ter o meu amigo realizado dias antes uma transacção importante, cujo valor em notas de banco, é possível que trouxesse comsigo.

«Indiquei que me parecia util que a sua bagagem fosse immediatamente sellada e recolhida.

«Pedi apenas licença por alguns minutos para ir a meu quarto mudar de roupa.

«Era em outro pavimento. Subi sósinho. Entrei no meu quarto, passei por uma porta interna de communicacção para áquelle em que estava hospedado Nathaniel, e como eu sabia, na mala de viagem o lugar exacto em que estava o dinheiro, tirei-o, escondi-o, fechei a porta, tomei outra roupa e desci.

«Tudo isto foi extremamente breve. Na azáfama em que todos estavam deve ter parecido immediato, de uma promptidão nunca vista. Subi com o commissario, fiz revistar e sellar as malas. A ausencia do dinheiro foi constatada. Quando o agente me communicou essa noticia, eu tive um rugido de vingança contra o assassino—o supposto, o desgraçado vagabundo a quem accusavam falsamente! Mas não houve para ninguem, a partir d'esse instante, duvida alguma sobre a sua culpabilidade. Que instincto do mal me levava a accumular crimes no meu caminho!

«Desci. Estive ainda uma vez de joelhos! Abracei-o de novo, de novo chorei sobre o seu corpo... Era quasi sincero o meu sentimento, de tal modo eu estava possuido do papel que representava. Afinal, pondo-me de pé, eu disse entre soluços: *Nathaniel meu amigo, tu has de ser vingado!* E tomando sua mão fria e humida, apertei-a na minha, com o gesto de um amigo que se despede de outro, fazendo-lhe uma promessa decisiva. A scena era um pouco theatral, mas por isso mesmo parecia grandiosa e com o tom ardente que animava minha voz, fez uma impressão immensa no auditorio.

«Mas, o que foi para mim a sensação d'esse momento, eu não sei dizer: foi horrivel! Quando eu apertei aquella mão inerte, pareceu-me sentil-a segurar-me com toda a força. Tive a impressão de que ella me apertava, como o fizera horas antes quando o corpo do meu amigo pendia sobre o abysmo. Mais do que isso. Tive a certeza que desta vez ella não me largaria. Um frio, um frio de morte, um frio como nunca sentira, subiu-me pela mão, pelo punho, pelo braço, entorpecendo-o... Eu dissera que elle havia de ser vingado e o rictus sardonico da bocca parecia mais ironico ainda, a attestar que a vingança viria de facto,—mas viria, não sobre o desgraçado que estava preso, viria sobre mim! Tirei a mão num gesto um pouco brusco. Alguem a meu lado, um curioso que eu não conhecia, e entrara ajudando a trazer o corpo, disse, tirando o relógio, e fallando a outro:—*São onze e vinte.*—Que me importava essa phrase banal?

«Todas aquellas emoções me tinham alquebrado. Subi. Fui até a cama de minha filhinha. O mesmo frio me entorpecia a mão e o braço: parecia carregar um braço de marmore, pesado e gelido. Quando me sentei á beira da cama de Kate, ella dormia um somno de anjo; seu rosto corado e mimoso, enquadrado na moldura dos longos cabellos louros, tinha uma expressão serena e risonha. Uma camisinha branca, bordada com folhos de rendas enfiados por fitinhas verde-claras, fechava-se no seu pescoço delicado, nos seus punhos gentis. Uma de suas mãosinhas, que

estava do lado de fóra meio fechada, parecia um lyrio em botão, cahido alli, pequenino e mimoso.

«Mão bem dita, mão de minha filha... Foi quando a tomei na minha que para logo o frio se dissipou e a vida me voltou... Pensei dentro de mim: *ella me perdôa, porque vê que eu sou criminoso por sua causa.* Mas immediatamente outro pensamento protestou, indignado: *Vil! não attribuas a tua filha pensamentos torpes! Si ella soubesse, si comprehendesse o que tu fizeste, ella te reprovaria... Essa mão pequenina nunca se furtaria como a tua a retirar qualquer homem de um abysmo... Si a salvação te vem d'ella, é que a sua bondade salva até mesmo os miseraveis como tu! Acolhe-te a ella e beija-a constricto, com teus labios impuros, como se beija uma cousa sagrada!*

«Baixei a cabeça, a chorar, a chorar como um doido. Houve um momento em que Kate acordou. Devia estar em meio de sonho... Disse, sorrindo, em parte reconhecendo-me, em parte continuando a sonhar: *Oh! papae! a cabritinha...* Desprendeu a mão, passou o bracinho em volta do meu pescoço, chegando á sua a minha cabeça e, com a facilidade que as crianças tem em ir da vigilia ao somno, fechou immediatamente as palpebras e continuou a ver a cabritinha dos seus sonhos... Eu fiquei com a cabeça junto da sua. Aos poucos venceu-me a fadiga e adormeci.»

Jorge parou um pouco nesse momento. Eu continuava de cabeça baixa, olhando para os novellos brancos que a espuma fazia e desfazia na esteira do navio.

Até então, meu companheiro, tinha desenrolado a sua narração em voz baixa, mas com uma rapidez extraordinaria. As phrases sahiam-lhe aos arrancos: phrases curtas, incisivas, destacadas. Parecia não guardar consciencia da minha presença e estar fazendo um grande monologo. Curvado a meu lado, apoiando os braços cruzados sobre a amurada, ficára tão perfeitamente immovel como eu. Só os labios deviam agitar-se.

Quando parou, pareceu lembrar-se da minha presença:

«Oh! eu estou descendo a detalhes inuteis, estou a importunal-o. Mas ha tres annos, que eu trago commigo este segredo horrivel. Não ha ninguem, absolutamente ninguem que suspeite a sua existencia. Não se passa, entretanto, uma só noite em que eu não reviva toda esta historia, scena por scena, minucia por minucia. Já agora perdoe-me por mais algum tempo e ouça a explicação do que viu esta noite. O que resta é muito pouco.»

Eu permanecia immovel, impassivel, sem a menor mudança de attitude. Não sabia bem si devia ou não continuar a ouvir essa confissão. Estava irritado com aquelle desconhecido, que abusando da sympathia que me inspirára, certo que eu saberia, custasse o que custasse, guardar o seu segredo vinha confiar-m'o para que de ora em diante eu trouxesse mais esse peso na consciencia. Mas enquanto eu hesitava, elle retomou a palavra:

«Nathaniel foi enterrado sumptuosamente. A familia agradeceu commovida, os extremos de caridade que eu tivera com elle. O supposto assassino foi condemnado a trabalhos forçados por toda a vida... Em vão elle allegou que jogára ao rio um relógio de prata que furtára a um operario. Ninguem o acreditou...»

Quando Jorge disse isto, eu devo ter tido um movimento, uma expressão qualquer inconsciente de surpresa e de indignação. Devo ter tido, porque elle me respondeu:

«Não me condemne! Eu senti desejos de salvar esse homem, de levantar duvidas sobre a sua culpabilidade. Vi, porem, que por um lado era inutil, por outro perigoso.

Inutil—porque a convicção geral se tinha firmado de tal maneira que ninguem me acreditaria; perigoso—porque eu só poderia innocentar-o, accusando-me. Era o que eu devia ter feito, mas faltou-me a coragem—não pela pena, porque o pobre diabo, nas galés onde está, tem soffrido menos do que eu—mas pela separação de minha filha, de quem eu teria de me afastar. Eu provarei gostosamente as mais crueis torturas, comtanto que me furte a essa!»

Fez uma pausa. A narração começava a impacientarme. Tinha vontade que puzesse um termo a ella.

«Na noite seguinte á da morte de Nathaniel eu estava na sala da minha bibliotheca, sósinho, fumando e scismando, quando de repente senti uma constricção singular na minha mão e um frio, o mesmo frio da vespera. Era absolutamente o mesmo aperto, o mesmo *shake-hands* com que Nathaniel me segurára no dia anterior. Mas d'esta vez pareceu-me que a mão invisivel, a mão de gelo puxava-me para a janella aberta, como si me quizesse fazer saltar por ella; e isso seria a morte. Fiz força na cadeira luctando como alguem que não quer ser arrastado por outrem que o esteja attrahindo e sacudi o braço, para desentorpecel-o! O frio era cada vez maior. A força occulta buscava levar-me com uma energia immensa. Neste momento, levantei os olhos e notei, olhando para o relógio que me ficava fronteiro, que eram 11 horas e 20 minutos. Começava a fraquear, sentia que ellapodia mais do que eu, que dentro em pouco teria de ser vencido.

«Da mão glacial eu tinha a sensação nitida, tanto da palma junto á minha palma, como dos dedos cingindo-me com um esforço desesperado.

«Do meu gabinete passa-se directamente para o quarto de Kate. Lembrei-me do que succedera no dia anterior e pensei em ir para o seu lado. Receiava, porém, levantar-me. Era, entretanto, o unico recurso. Puz-me de pé. Começou então uma lucta medonha entre mim e a força mysteriosa. Como eu deveria parecer ridiculo a quem me visse—a mim—um homem activo e forte, debatendo-me no meio da vasta sala deserta, contra um vago espectro que ninguem conseguiria distinguir. E todavia, como era pavoroso! Tambem eu não enxergava o espectro—si espectro havia—mas sentia perfeitamente aquella mão robusta e gelida que procurava levar-me para a voragem. Eu tinha dito hypocritamente: *Nathaniel, meu amigo, tu serás vingado!* Pois bem: era a vingança que vinha—não a que devia recahir sobre um innocente, mas a que vinha ferir o verdadeiro culpado!

«Afinal, pude chegar junto á cama de minha Kate, pude a muito custo tomar sua mãozinha. Mal eu consegui tocar nella, a mão mysteriosa e damninha pareceu sumirse, desfazer-se, e a vida e o calor voltaram-me ao braço.—Kate, minha Kate, então, como sempre, tu foste o meu anjo bom, a minha salvação.»

Jorge disse isto com um tom de tão intima dor, de tão profunda commoção, que eu me senti dominado pela evocação dessa creança loura e pequenina, d'essa mimosa filhinha cujo contacto era um exorcismo bastante, até mesmo na sombra e no mysterio, contra as aggressões do Invisivel.

Jorge continuou:

«Desde então, todas as noites, quando se approximava a hora fatal, eu ia tomar na minha a mão de Kate. Que o não fizesse e sentia logo a Presença Invisivel, rondando em torno de mim; a mão de gelo estendia-se na sombra para attrahir-me e immediatamente para evital-a, eu era forçado a buscar o contacto de minha filhinha.»

Sempre que elle alludia a Kate, sentia-se vibrar na sua voz uma ternura infinita.

«Ha tres annos que isto dura. Esta foi a primeira noite em que dormi longe de minha filha. A viagem que estou empreendendo era inadiavel. Tive de deixar Kate. Procurei raciocinar e convenci-me que esse facto, essa coincidência das 11 e 20 era apenas uma allucinação. Si, de facto, ha uma vida alem d'esta, si ha uma eternidade de soffrimentos, quem nos viria disputar alguns minutos de existencia aqui? A eternidade não bastaria para satisfazer as peiores vinganças? Fosse como fosse, esta noite, eu acabava de adormecer quando acordei puxado por alguem: era a mão de morte, a mão de gelo que me attrahia com força. Foi então que eu o acordei. Viu a força desesperada que ella fazia? E' sempre assim! Felizmente ao cabo de quarenta minutos, quando deu meia-noite, pareceu-me sentir que a Inimiga se tinha fatigado; pude deitar-me; mas não consegui conciliar o somno. Que vae ser de mim esta noite?! Sinto que não o posso importunar mais. Já pedi ao commandante um camarote á parte. Deus me proteja! Minha Kate! Minha Kate!...»

E o desgraçado começou a soluçar com o rosto nas mãos, chorando como uma criança.

Quiz consolal-o; mas não achei uma palavra para isso. Logo, a meus olhos duas visões surgiram: a de Nathaniel, estendido no seu caixão, livido e morto e a de um misero vagabundo, que estava a essas horas num carcere da Escossia condemnado e innocente.



Ficámos assim naquella situação embaraçosa, quando o commandante, que andava procurando Jorge, para escolher com elle o novo camarote, veio chamal-o.

Enxugou os olhos, procurou compor a physionomia e seguiu. Nunca mais o vi.

—Nunca mais?

—Nunca mais. Pouco depois de me deitar, nessa noite, senti um reboliço enorme a bordo. O vapor tinha parado. Vesti-me ás pressas e subi ao tombadilho. Alguem tinha cahido ao mar. Era Jorge. Um marinheiro o vira approximar-se da amurada, luctando, aos arrancos. Pensára porem que elle ia vomitar, nauseado pelos balanços do navio. A occurrencia era tão frequente, que não incomodava ninguem. Chegando porem, á amurada, elle se atirara ao mar.

Puxei o relógio; eram onze e meia.

O caso devia, portanto, ter occorrido ás 11 e 20.

Todas as pesquisas para achar o corpo foram infructiferas, embora o vapor tivesse ficado immovel até a manhan seguinte.

Mas na manhan seguinte só se via ceu e mar: nada mais...

Medeiros e Albuquerque.

Da Academia Brasileira.



OLHOS HUMANOS

A QUELLE adoravel Sergio Paulo, flôr fidalga de educação e de luxo, embrenhado em concepções grandiosas de gloria e de trabalho, alli estava agora estirado, no abatimento nevrotico de um vencido, subjugado á palpitante verdade theorica da metempsychose.

Na sala verde do Claudio, á meia luz da hora, a sua excentrica figura afundada na ottomana desmaiava; e quasi um livido pallor vinha-lhe já cobrindo toda a face, quando Sergio levantou-se, brusco, e fallou para o outro, dogmaticamente:

— Ninguem atravessou ainda o *au de là* imprevisito. As mais absurdas e tragicas hypotheses sobre a vida e sobre a morte esbarram sempre n'uma estúpida muralha chineza, levantada entre um momento de luz e uma sombra. Ninguem ainda proclamou do alto, de modo facil e vivo, que vertigens, que insondaveis mysterios ha de a alma atravessar, quando, num salto macabro, se atire ás profundezas do nada.

— O que tu vês, são theorias... As mais modernas tentativas deixam sempre um ponto em branco.

— Ha em todas as experiencias do momento presente certa falta de unidade; entre um phenomeno e outro fica a pontuação da reticencia, e quem quizer que a complete por um principio de fé.

— Bem vês que não é isto. O que basta á humanidade para ser feliz, é a certeza da existencia d'esse principio que a anima, os seus actos obedecendo então ao rigor moral da sancção.

— Entrar em razões especulativas de analyse, determinando até a relatividade scientifica dos phenomenos, isso pouco importa ao nosso mundo, que mal tem tempo para levar á bocca o pedaço de pão mal amassado.

— Deem á Humanidade uma formula simples e facil.

— Queres saber?

— Ensinem-lhe a simples verdade da metempsychose.

A figura de Sergio Paulo, de pé, na meia obscuridade feita na sala, tinha um destaque esguio e afflicto, desordenado o gesto e a pessoa, n'um inexprimivel tom de angustia, que ultimamente lhe vinha quando fallava.

— Onde já viste, continuou elle, theorica mais perfeita e mais humana? Identificar-se o homem com a natureza, sentir em cada cousa que o cerca uma porção de si mesmo, não tocar, não ferir, porque um sentimento elevado o detenha, haverá cousa mais bella?

— Na Sociedade moderna, nada se respeita; a carie de um dente póde determinar o divorcio e desorganisar uma familia, emquanto que o casamento considerado como divino, a dissolução é impossivel. Mas não é isso o que me prende e me convence.

“Todo homem, inconsciente do destino, póde progredir na mesma especie ou afastar-se para uma especie remota.

“Conheci um Conselheiro, velho professor de umas sciencias exactas, cuja physionomia era perfeitamente a de um cavallo”.

— Mas cahes no absurdo e no ridiculo, obtemperou-lhe Claudio.

— Póde bem ser que sim, mas ouve lá. Tu mesmo, diante de certas pessoas, has de querer recordar em que cara de burro ou de elephante já viste aquelle rosto. É porque a especie humana é o gráo mais perfeito na ascendencia moral, são por ahí communs os individuos com physionomia de carneiro, que, nas especies atrazadas, é o symbolo da resignação.

Mas eu tenho um caso que particularmente ainda hoje me commove, e é d'elle que datam as minhas pesquisas e esta convicção inabalavel”.

A noute, tendo de todo cahido, mergulhára os dous amigos na agora completa obscuridade da sala. Apenas um ou outro brilho de crystal picava a escuridão. E o cigarro de Claudio, lentamente chupado, aclarava por instantes aquelles dous velhos rostos amigos. Que doloroso pezar, diante da sustentação absurda e tresloucada que o seu velho companheiro fazia! Certo, ia elle em caminho para o desequilibrio completo e uma terrivel noute mais negra, tinha já descido sobre a sua cabeça.

“Mas, eu tenho, como te disse, um caso que ainda hoje me commove, repetiu Sergio Paulo, chegando para mais perto a cadeira. Vem d'elle esta convicção inabalavel. Foi por elle que a metempsychose se definiu para mim em toda a sua verdade.

E numa voz ainda tremula, cava, Sergio foi dizendo o seu caso, aquelle que lhe abalava a concepção moral das cousas, sem que a phrase, entretanto, evitasse um certo rebuscado.

— Quando eu ia, uma vez, da fazenda á Magdalena, quasi noute, o caminho costeando um morro, por um valle, do lado opposto voou uma ave grande, um gavião, como suppuz, pousando sobe um toco. Retive o animal, puxei o revolver, e fiquei indeciso.

“Com que direito vou matal-a, pensava. Porfim, como da ave só uma mancha parda eu via e seria o tiro difficil, juntei ás suas culpas a de ser gavião, e embora indeciso, o instincto máo venceu e fiz fogo.

Não sei si no grande livro do Destino estava decretada a morteda ave, e si aquelle toco até alli existira para que ella n'elle pouzasse. O certo é que a bala partiu-lhe uma aza e varou-lhe uma perna. Tentando um ultimo vôo, a ave, que eu ainda não sabia qual era, debateu-se e rolou até o fundo do valle, onde corria uma agua. Firmo, meu creado e meu amigo, reconhecendo uma coruja, deixou-a, apavorado; eu,

a quem já um profundo remorso impellia para o logar do meu crime, fui vel-a, sem coragem mais para abandoná-la, preso áquella ave infeliz como um calceta.

No meio da noute já fechada os seus grandes olhos pretos (oh! como são lindos os olhos das corujas!) abriram-se para mim serenamente, friamente, na attitude e na fórma de uma consciencia justa diante de um algoz. Era um profundo olhar humano, meigo, fazendo lembrar velludos e pellucias; mas tão humano, tão meigo, como se exprimisse o perdão para a minha falta hedionda!

O que eu senti não te descrevo nem nunca mais esquecerei. . .

Com infinitos cuidados, abnegado como um arrependido, fiz do meu lenço ligadura, e deitando-a na mão, montei de novo a cavallo, por uma legua e tanto, a procurar salvá-la.

Era uma coruja da matta, de garras grossas e grandes. As palpebras das corujas descem e sobem muito lentas, o olhar de todo se fecha, e ellas olham a gente bem nos olhos, fixas, demoradas, mas de um olhar sempre meigo.

Que terrível, que lancinante psychologia essa que eu via desprender-se dos olhos da coruja!

Tardes, silenciosos crepusculos das tardes; noutes, profundas noutes estrelladas; alegria das azas, no ar, cortando a noute; auras, bosques e perfume da matta; delicioso aconchego do ninho, branco sorrir de madrugada, quando as corujas adormecem, tudo, para sempre! aos olhos da coruja se apagava, tudo, para nunca mais! desfallecia n'uma indefinida sensação de dôr e de saudade!

Adeus, bordados caminhos do meu pouso! Arvore que me abrigaste, e em cujos ramos nasci; orvalhadas da noute; frios e temores que a minha voz acordava; serenas ondulações do ar nas folhas, adeus para sempre! adeus!

Os olhos da coruja, voltados para baixo, iam fixos na estrada, desenrolando-se por elles, como o caminho se desenrolava aos passos do animal, a angustiada psychologia negra dos ultimos momentos. Ou, então, n'um movimento demorado, voltava de todo a cabeça para mim, e os seus olhos, — os negros olhos da coruja, amplos, redondos, significavam não sei que surpresa diante do meu crime, como se o seu olhar me interrogasse e perguntasse o mal que havia feito para que eu a punisse com a morte. O meu delicto era tão grande, tão assombrosa a minha violencia, que os olhos da coruja, resignados embora, reflectiam o assombro das inexplicaveis maldades. Ah! é esse fundo olhar interrogativo e surprezo que eu nunca mais esquecerei!

Era uma alma que alli estava. Naquelle corpo atrazado de coruja, por traz d'aquelles olhos, era uma alma humana que olhava, sentindo por elles, vendo,

atravez d'elles, inconsciente embora, a consequencia fatal do seu peccado.

Lá está nos livros sagrados que *a alma é a emanação divina em estado de expiação* e que *em tudo que nos cerca existem as almas dos nossos semelhantes*.

Tal seja o delicto, e assim será a pena.

O que eu fui foi o instrumento, misero instrumento por meio do qual a absoluta justiça se cumpriu. Mas todo justicador é um carrasco. Nunca mais se apagará dos meus a expressão d'aquelles olhos. No seu profundo mysterio, dilacerado e perdido, aquelle doce olhar não tinha uma revolta. O que nelles eu via era a expressão sensibilizada de uma dor humana, e aquella fria interrogativa que me trespassava, como se elles perguntassem, aquelles dous olhos fixos:

— Mas qual foi o meu crime? Porque me punes com a morte?!

— Sei lá qual foi o teu crime, alma que ali estás recolhida e condemnada.

O que te digo, aqui n'esta sala, entre o teu luxo e a tua ignorancia, é que lá, naquelle perdido caminho, sob a unica vista das estrellas, fui um covarde: os meus olhos não puderam soffrer de frente o brilho, o doce brilho pacifico e manso dos olhos da coruja.

Quem não bate n'um fraco animal nem n'um animal forte, e não permite que lhe batam, esse chamo eu brahmane.

São palavras de Brahma.

E sabes porque? Porque em qualquer ponto, nas mais reconditas origens, póde palpitar a essencia humana.

Quem sabe, n'aquella grotesca coruja que apavora, que alma existe e florio já em niveos corpos, fazendo a loucura e a morte de homens acorrentados ao desespero da carne.

— Mas Sergio, aventurou-se Claudio a dizer, olha que tu caes no absurdo. Ha até pilherias. . . .

— Pois seja. A pilheria só é propria de quem não aprofunda o estudo. E' mais facil dizer uma asneira engraçada, do que explanar a mais simples verdade. De resto, já te disse, a minha convicção é inabalavel!

Fóra, sob a luz mortiça e palpitante da rua, a figura de Sergio Paulo, em caminho, sumia-se na sombra.

Claudio, da janella, vendo-o partir, tinha um aperto na alma, e um fulgor mais vivo nos olhos.

Elle era bem o velho companheiro de todas as alegrias e de todas as dôres.

E vendo-o, aquelle pobre rapaz, tão seu amigo e tão bom, sumir-se ao fundo da rua, envolveu-o eternecidamente n'um longo olhar de saudade, como se o visse desaparecer para sempre n'uma noute mais feia, mais negra, onde todas as luzes se apagam.

O theatro no Rio de Janeiro em 1903

THEATRALMENTE, o anno de 1903 foi um dos mais carregados, talvez o mais carregado que ainda tivemos.

Comecemos esta rapida resenha pela opera, que dizem ser o mais nobre dos generos theatraes.

Cantou-se a «Iris», de Mascagni, sem nenhum successo. No Rio de Janeiro as operas são julgadas summariamente e dependem muito do libretto.

Foi essa a unica opera nova que nos foi dado ouvir. Prometteram-nos duas, brasileiras, em um acto cada uma, mas a promessa não foi cumprida.



H. DARCLÉE

Voltaram ao Rio de Janeiro duas artistas lyricas de primeira ordem, já nossas conhecidas; Hariclée Darclée e Emma Carelli, e tivemos a ventura de ouvir um tenor incomparavel, Enrico Caruso, que conquistaria o mundo si lhe não lhe faltasse um pouco de elegancia physica. E' gordo e pesado. Na «Manon», de Puccini, em que «chorou» admiravelmente a aria do final do 3º acto, parecia um velho, contribuindo para esse detestavel effeito uma cabelleira empoadada. O seu maior successo foi no «Rigoletto», de Verdi, conseguindo, talvez com menos arte que artificio, fazer com que os espectadores ouvissem quatro vezes seguidas o «La donna é mobile», o que em condições normaes seria um sacrificio medonho.

—Foram duas as companhias lyricas: a primeira, do empresario Milone, principiou mal e acabou bem, e a segunda, do empresario Sansone, começou bem e acabou mal, sendo para notar que começou, não aqui, mas em S. Paulo.

O pobre Sansone deu parte de fraco, e abalou antes de satisfeitos os compromissos tomados para com os assignantes; a Darclée teve um «beau geste» e tomou a si a satisfação desses compromissos, muito desejosa tambem de que os seus companheiros não ficassem para ahi, atirados á tóa; fez o que em linguagem popular se chama «pegar em rabo de foguete». O resultado foi desastroso. A ultima nota da temporada lyrica foi uma nota de despesas, publicada pela Darclée no «Jornal do Commercio», nota que não afinou absolutamente com as da sua garganta de ouro.

Dissemos que foram duas as companhias lyricas. Não ha tal; foram tres. Em Abril tinhamos tido outra, tambem



EMMA CARELLI

italiana, no theatrinho do Parque Fluminense, que não se presta ao genero pelas acanhadas dimensões do seu palco.

Essa companhia foi depois substituida por outra, de opera-comica e baile, que nos deu algumas novidades e nos apresentou alguns artistas razoaveis, sendo os espectaculos muito concorridos.

Mas o grande acontecimento da estação theatral de 1903, foi a vinda de Antoine ao Rio de Janeiro.

Esse artista, que se celebrizou porque as circumstancias o collocaram á frente de uma revolução theatral cuja

necessidade se fazia ha muito tempo sentir em França, contava tanto com essa excursão á America do Sul, que a considerava, segundo elle proprio declarou, a consagração definitiva dos seus esforços e dos seus serviços em prol da litteratura e da arte do theatro.

O resultado, tanto no Rio de Janeiro como no Rio da Prata, não correspondeu á expectativa de Antoine, e este insuccesso foi devido, pelo menos aqui, a tres motivos poderosos; 1.º, á carestia dos bilhetes; 2.º, á mentira dos annuncios que nos promettiam quarenta peças montadas com os scenarios e accessorios de Paris; 3.º, á natureza de um repertorio para o qual o nosso publico não estava preparado, e que não representava afinal senão tentativas, ou, ainda menos, simples tendencias, conforme o proprio Antoine confessou na famosa conferencia em que disse, ao som de freneticos e unanimes applausos, ter achado o Brasil um meio termo entre a civilisação e a barbaria.

Que elle proprio não tem uma idéa segura daquillo com que sonha, está na estupefaciente declaração que escreveu n'um jornal parisiense, depois que d'aqui partiu. "Essa viagem, disse o creador do Theatro Livre, me convenceu de que a obra-prima do meu repertorio é «Tante Leontine»". Ora, francamente, «Tante Leontine» parece uma comedia encontrada entre os papeis de Scribe: não tem novidade alguma.

Cumpre notar que Antoine trouxe-nos a companhia dramatica mais homogenea e mais completa que ainda se viu no Brasil. A encantadora Suzanne Desprès, o provector Matrat, o delicioso Signoret, Mme. Miller, Mlle. Van Doren, e outros artistas, alguns dos quaes não pertenciam, aliás, ao theatro Antoine, e o proprio empresario, inexcédível n'uns papeis, mediocre n'outros, constituíam um elenco de primeira ordem, que infelizmente não se exhibia no repertorio daquelles pedaços d'asnos que se chamam Dumas, Augier, Sardou, ou Meilhac e Halevy.

Si os espectaculos da companhia Antoine tivessem attraído o publico, o Rio de Janeiro seria uma grande capital, e nós, os cariocas, seriamos o publico mais intelligente deste mundo e do outro. Como o contrario se deu, o famigerado artista foi dizer do Brasil cobras e lagartos... A nossa imprensa deu muita importancia a esses desabafos, verdadeiras pragas de urubú, que nenhum mal nos fazem.

*

Ao mesmo tempo que Antoine, esteve nesta cidade uma companhia franceza de «vaudeville», que deu espectaculos no S. Pedro e passou em seguida para o theatrinho do Parque Fluminense, onde se dissolveu, ficando os artistas ao Deus dará, sem nenhuma Darclée que os valesse.

Essa companhia, que a principio se intitulou do Palais-Royal, deixando de o fazer por ter reconhecido em tempo que o Brasil era menos barbaro que civilizado, fez-

nos conhecer a deliciosa comedia satyrica de Lavedan, «Le vieux marcheur». Foi o seu unico merito.

*

Clara Della Guardia visitou-nos pela terceira vez. E' sempre uma insigne actriz, mas é exquisito que, sendo ainda moça, nenhum progresso real fizesse depois da sua primeira apresentação ao nosso publico; parece mesmo que voltou desta vez um pouco mais amaneirada, insistindo em certos effeitos contrarios á arte.

Figurou na companhia Della Guardia, entre outros artistas de merito, um galan de muito futuro, por nome Róbert, que se fez applaudir devéras na «Gioconda», de D'Annunzio.

Della Guardia, que renova constantemente o seu repertorio, deu-nos, como novidade, «Romanticismo», de Rovetta, «Cecilia», de Pietro Cossa, «Le détour», de Bernstein, e «L'autre danger», de Donnay, comedia cujo desenlace pecca por monstruoso.

A temporada foi infeliz; Della-Guardia e os seus companheiros representaram sempre para as cadeiras do Lyrico, á excepção da noite em que exhibiram o «Mestre de Forjas». Seja tudo por amor de Deus!...

*

Em Março, Dias Braga e os seus artistas partiram para o Norte, cedendo o Recreio á companhia organizada em Lisboa por Eduardo Victorino, a qual se estreou, sem grande successo, com a «Fedora», de Sardou, seguindo-se-lhe «Lição cruel», peça que, sem ser um producto teratologico de litteratura dramatica, é uma singular mistura de farça e comedia, dous generos que pôdem, até certo ponto, aproximar-se um do outro, mas que não se ligam nem á mão de Deus Padre.

A' «Lição cruel», que trouxe a assignatura illustre de Pinheiro Chagas, seguiram-se duas ou tres peças, e por fim a «Estrangeira» de Dumas Filho, cujas representações foram interrompidas pela morte inesperada de Georgina Pinto, a principal figura da companhia.

—Georgina contava trinta e quatro annos. Para a mulher, essa idade é quasi o outono; para a actriz é ainda a primavera. Morreu no momento preciso em que o seu talento começava a dar de si. Esta viagem

ao Brazil acabaria em triumpho; seria a consagração, a fortuna, o premio de tanto esforço intelligente e honesto. Georgina estava, talvez, destinada a erguer a corôa de Emilia das Neves, corôa que até hoje nenhuma actriz levantou.

—Diante da desgraça que feriu a sua companhia, Eduardo Victorino tinha o direito de desanimar, e até de perder a cabeça; felizmente assim não aconteceu, e os trabalhos da empresa proseguiram, embora a morta não fosse, como não podia ser, dignamente substituida.

A companhia levantou-se com a representação da «Noite do Calvario», do illustre dramaturgo portuguez



ENRICO CARUSO

Marcellino de Mesquita,—peça original e bem feita, com um 4.º acto, ou antes, um epílogo de mais novidade que todo o repertório Antoine.

Carlos Santos, que com a morte de Georgina ficou sendo a principal figura da companhia, foi admirável no papel do Dr. Campos, uma especie de Desgenais, «beau parleur», paradoxal e revolucionario. Esse artista, o de mais cultura intellectual que conheço em Portugal e no Brasil, é um magnifico actor de comedia. O seu talento nada tem de dramatico.

—A companhia Eduardo Victorino deu-nos ainda, em más condições, as «Semi-vingens», de Marcel Prévost, o «Frei Luiz de Souza», de Garrett, que foi recebido pelo publico e pela imprensa com as honras devidas á obra-prima do theatro portuguez, e, finalmente, uma curiosa novidade, o «Enigma», de Paul Hervieu. Depois, fez uma fructuosa excursão ao Rio Grande do Sul, e regressou a Lisboa.

Tivemos ainda duas companhias portuguezas, que se estrearam quasi ao mesmo tempo: a de Souza Bastos e a José Ricardo.

—A primeira não foi feliz na estreia, que se realisou com «Zizi», disparate inglez em 5 actos; felizmente a comedia que se seguiu, o «Outro sexo», de Hennequin e Valabrègue, agradou bastante, embora a temporada se resentisse (foi um facto visivel) do desastre da estreia.

Do repertório, que era opulento e variado, a peça que mais agradou foi o «Papão», farça allemã, inverosimil, ingenua e engraçada, como todas as farças allemãs. As peças dramaticas desagradaram todas. Não perdão ao nosso publico o desprezo a que condemnou a «Resurreição», de Tolstoi, o mais bello drama que tem sido representado em todos os theatros do mundo nestes ultimos vinte annos. Já derramei sobejamente nas columnas do «Paiz» e da «Noticia» a magoa que me causou essa injustiça terrivel; não quero repetir-me.

Para compensar o prejuizo que lhe causou a «Resurreição», de Tolstoi, a empresa mudou inteiramente de genero e recorreu á «Boneca» e outras operetas. O effeito foi decisivo e benefico; salvou-se a situação, a temporada acabou com lucro.

Palmyra Bastos é uma actriz notavel, que representa com o mesmo talento o drama, a comedia e a opereta. Tenho pena que Portugal não a veja e a não applauda no papel de Maslowa, da «Resurreição», que ella estudou e representou em oito dias, affligida pelo estado de seu esposo, Souza Bastos, que se achava então gravemente enfermo e lhe fazia perder noites de somno, á sua cabeceira. É uma actriz notavel, repito, e ninguem me contradirá.

A companhia contava outros artistas de merito, como fossem: Alfredo de Carvalho, Henrique Alves e Ignacio Peixoto, um dos melhores actores portuguezes.

A companhia José Ricardo pisou no Brasil com o pé direito e ganhou muito dinheiro tanto aqui como em S. Paulo.

A peça de estreia, o «Homem das mangas», outra farça allemã, foi um successo que parecia não deixar lugar á exhibição de nenhuma outra peça do repertório; entretanto, foi excedido pelo das «Aglhas e Alfinetes», revista de Eduardo Schwalback.

No variadissimo repertório da companhia figuravam tres operetas portuguezas: «João das Velhas», do mesmo Schwalback, musica do nosso Nicolino Milano; o «Segredo da Morgada», de Campos Monteiro, musica do mesmo; o «Poeta Bocage», de Eduardo Fernandes, musica de Felipe Duarte.

A que mais agradou foi o «João das Velhas»; a que mais deveria ter agradado era o «Segredo da Morgada»; o «Poeta Bocage», em que a figura do glorioso Elmano foi mal estudada por um escriptor de muito espirito, logrou a sorte que merecia.

José Ricardo é um dos artistas mais queridos do nosso publico. Tem, realmente, muita graça e muito talento, conquanto não disponha de grande variedade de effeitos.

A companhia era muito bem organizada; figuravam no elenco: Lopiccolo, que se fez actriz no Rio de Janeiro, Dolores Rentini, que suppre com os seus dotes physicos e a sua deliciosa voz de soprano o que lhe falta como actriz, o nosso velho amigo Silva Pereira, o consciencioso actor Gomes, e outros artistas de ambos os sexos, cada qual mais util.

Não nos esqueçamos de Jane Hading, que deu alguns espectaculos pouco concorridos no theatro Lyrico.

Trouxe-nos duas novidades: «Les demi vierges», que tinham sido sacrificadas em portuguez, no Recreio, e «La

chatelaine», de Alfred Capus, a primeira peça desse autor representada no Brasil.

Jane Hading é ainda uma bonita mulher, mas não é uma actriz de talento: é, quando muito uma actriz de grande habilidade, imitando ora a Sarah Bernhardt, ora a Duse, ora a Réjane, sem conseguir elevar-se á altura de nenhuma dellas. Não nos entusiasmou.

Passarei por alto, nesta ligeira resenha, os espectaculos da Maison-Moderne e do Cassino, que está hoje liga-



CLARA DELLA GUARDIA

do ao Parque-Fluminense, —mas não deixarei de tratar das companhias indígenas.

Em Janeiro funcionavam tres theatros: o Recreio, o Lucinda e o Variedades. Este havia, pouco antes, mudado de nome, collocando-se sob o patronato de S. José.

—Trabalhava no Recreio a companhia Dias Braga e no Lucinda a companhia Silva Pinto, insistindo ambas com algumas velharias a que o publico voltava as costas.

No S. José, batalhava uma companhia dirigida pelos actores Veiga e Domingos Braga. Essa, diga-se a verdade, não deu senão peças novas, mas nem por isso teve concorrência, e não tardou a dissolver-se.

A peça mais interessante representada pelos artistas do S. José, foi o «Padre», drama de Charles Buet, autor francez, fallecido em 1897.

—Em Março a companhia Dias Braga foi viajar, e, quando voltou, dissolveu-se, ficando os artistas a trabalhar em associação, regimen que ainda hoje dura.

Essa associação deu-nos a «Tocadora de realejo», de Xavier de Montepin, uma «reprise» do «Remorso vivo», os



CARLOS SANTOS

«Miseraveis», de Victor Hugo, «Alleluia», de Marco Praga, que a platéa condemnou sem vêr, e, finalmente, a «Fada do Casal», peça de costumes portuguezes de Tito Martins, que fechou o anno.

A companhia do Recreio, que continúa a ser a companhia Dias Braga, conta artistas de grande merecimento como Ferreira de Souza, o «primus inter-pares», Olympio Nogueira e Lucilia Peres, duas grandes esperanças do

theatro brasileiro, e outros, habituados, ha longo tempo, aos applausos do nosso publico.

—Em Maio, a companhia Silva Pinto, que tinha feito pallidas «reprises» das «Andorinhas», dos «Sinos de Corneville», do «Tim Tim por Tim Tim» e da infeliz revista «Comeu», representou a «Fada de coral», tirada por Souza Bastos da magica franceza «Le poisson volant». A peça agradou, mas a empresa não tratou de arranjar outra, — e a companhia foi dissolvida. Mais tarde o empresario reuniu de novo os seus artistas, e foi para o Amazonas, onde se acham actualmente.

—Depois que o Apollo foi abandonado pela companhia Souza Bastos, tomou o theatro um novo empresario, Francisco Mesquita, que, organisando uma companhia em que figuram Brandão, Peixoto, Balbina e outros artistas mais ou menos conhecidos, inaugurou os trabalhos da sua empresa com a revista o «Esfolado», de Raul Pederneiras e Vicente Reis. A estreia não podia ser mais auspiciosa: o «Esfolado» foi um successo: deu 50 representações consecutivas, que valem por duzentas do tempo das vaccas gordas.

E ahí têm os leitores do «Kósmos» o apanhado do que foi o theatro no Rio de Janeiro em 1903.



RÉJANE

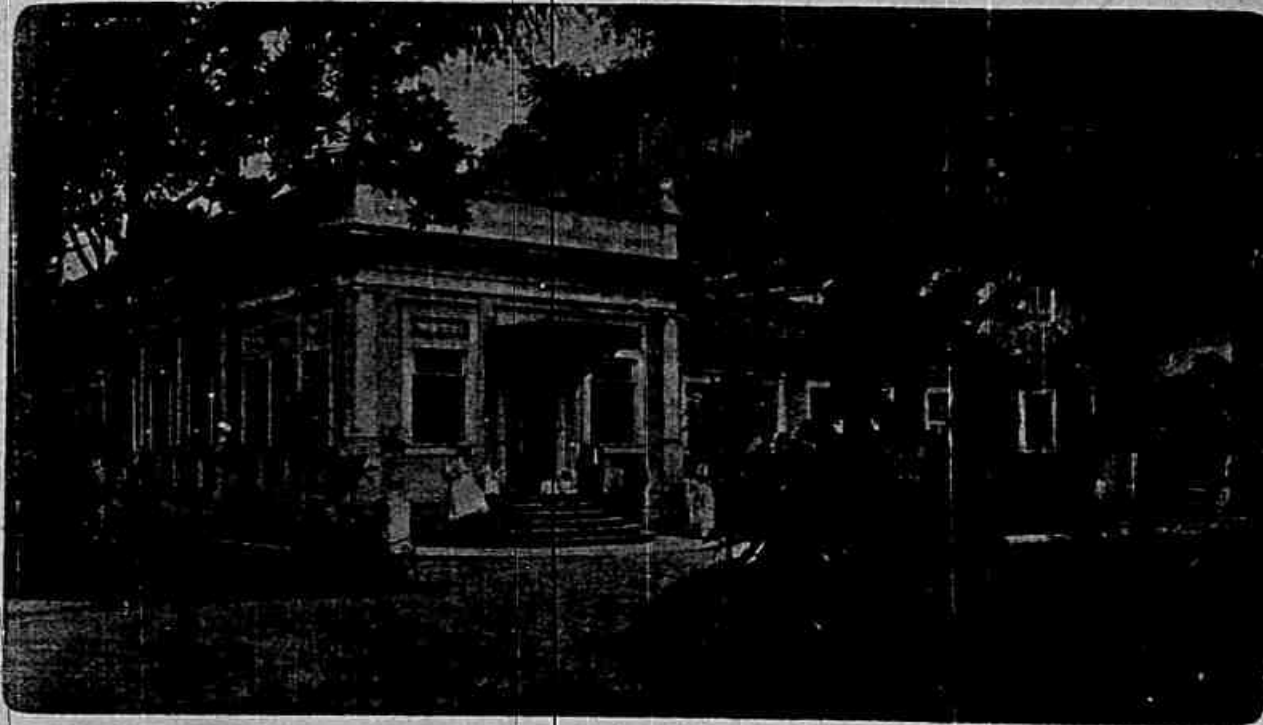
O Theatro Municipal, esse continúa no vel-o-emos, em que peze á boa vontade do illustre prefeito Dr. Francisco Pereira Passos.

Arthur Azevedo.
Da Academia Brasileira.

GRANDE HOTEL WHITE

ANTIGA RESIDENCIA DO CONDE DE ITAMARATY

***** ALTO DA TIJUCA — RIO DE JANEIRO *****



Este importante estabelecimento que acaba de passar por grandes reformas, dispõe para commodidade dos Snrs. Hospedes de vastos aposentos, parques, duchas e da celebre fonte - Zézé.

* Restaurant à la carte *

* Cozinha de 1.ª ordem *

TELEPHONE N. 1094

Dirigido pelo proprietario "Martin"

BASTOS DIAS

PHOTOGRAPHO

Especialidade em retratos e augmentos em platinotypia

COMPLETO

SORTIMENTO DE ARTIGOS PHOTOGRAPHICOS RECEBIDOS DIRECTAMENTE.

RUA GONÇALVES DIAS, 52

RIO DE JANEIRO

ARAÚJO, VEIGA & C.

84, RUA DO OUVIDOR, 84
RIO DE JANEIRO

Grande Variedade de Artigos de Fantazia, Chapéus de Sol, Gravatas para Homens, Objectos para Bordar e para Flores, Luvas, Leques, Meias de Seda e de Fio de Escossia, Perfumarias, Marcas para Cotillon e tudo que pertence ao Artigo Armarinho e Modas.

TELEPHONE 306

AUGUSTO NIKLAUS & C.

RUA DA QUITANDA, 54 * * * *

* * * * * RIO DE JANEIRO

UNICOS REPRESENTANTES NO BRASIL DE :

- | | |
|--|---|
| BRUCE TYPE FOUNDRY-NEW-YORK | Typos, fios, entrelinhas, etc. |
| ALBERT NATHAN & C.-NEW-YORK | Tintas para typo-lithographia, vernizes e bronzes |
| BINGHAM BROTHERS CO.-NEW-YORK | Massa para rolos « Estrella » |
| LATHAM MACHINERY CO.-CHICAGO | Machinas para cozer com anume. perfuradores, etc. |
| JOHN ROYLE & SONS-PATERSON | Machinas para Photogravadores |
| WETTER NUMBERING MACHINE CO.-BROOKLYN | Numeradores automaticos e de mão |
| DEXTER FOLDER CO.-NEW-YORK | Machinas para dobrar papel |
| CHANDLER & PRICE CO.-CLEVELAND | Prensas typographicas aperfeiçoadas |
| SCHNELLPRESSEN-FABRIK ALBERT & CO.-FRANKENTHAL | Machinas typographicas e lithographicas, Machinas rotativas |
| LEIPZIGER SCHNELLPRESSEN-FABRIK (SCHMIERS, WERNER & STEIN)-LEIPZIG | Prensas lithographicas, Machinas para Bronzear |
| AUGUSTO FOMM-LEIPZIG | Machinas de aparar, prensas para dourar, etc. |

F. PAIM

LEILOEIRO PUBLICO

(-(-)-)

ARMAZEM E ESCRIPTORIO: RUA DA ALFANDEGA, 38

TELEPHONE 1078

CARTÕES POSTAES

NAS OFFICINAS DO "KÓSMOS" REPRODUZ-SE VISTAS, EDIFICIOS, ETC. EM CARTÕES POSTAES

Impressões nitidas ** Preços reduzidos

O MAIS BARATO DOS CIMENTOS FINOS



MARCA REGISTRADA

TRES JACARÉS

Para obras descobertas;

para obras subterraneas:

para obras hydraulicas.

Péga rapida: de 1/2 a 1 hora.

Resistencia normal á traccão:

600 lbs. por pollegada quadrada.

Côr branca, natural.

Qualidade e peso, constantes.

BRAGA, CARNEIRO & COMP.

UNICOS IMPORTADORES

34, Rua da Alfandega, 34

A la Renommée



ARTHUR CAMPOS

CHAPÉOS PARA SENHORAS
FANTASIAS



20, Rua Gonçalves Dias, 20
RIO DE JANEIRO

OS MELHORES



AGENTES

QUAYLE, DAVIDSON & C.

119 - Rua da Quitanda - 119

RIO DE JANEIRO

A Equitativa

O QUE FOMOS.

A EQUITATIVA

em 31 de Dezembro de 1897

PRIMEIRO BALANÇO ANNUAL

Reservas:	Rs.	328:017\$050
Bens de raiz, Apolices da Divida Publica, Depositos em Bancos e outros titulos de renda:	Rs.	550:264\$920
Excedente da Receita sobre a Despeza.	Rs.	36:502\$067
Premios recebidos:	Rs.	858:325\$550
Seguros propostos:	Rs.	13,067:500\$000
Sinistros pagos:	Rs.	95:000\$000

A eloquencia das cifras é esmagadora. Comparae hoje o que foi com o que é, e o gráo enorme de prosperidade da

A EQUITATIVA

resaltará immediatamente aos vossos olhos. **A Equitativa** é a Sociedade Nacional de Seguros Mutuos sobre a Vida a mais bem administrada e a que garante maiores vantagens áquelles que em bôa hora se tornarem seus mutuarios.

O QUE SOMOS.

A EQUITATIVA

em 30 de Junho de 1903

Reservas:	Rs.	2,271:696\$800
Bens de Raiz, Apolices da Divida Publica, Empréstimos sobre hypothecas, Depositos em Bancos e outros titulos de renda:	Rs.	2,791:497\$936
Excedente da Receita sobre a Despeza:	Rs.	681:111\$358
Premios Recebidos:	Rs.	1,377:314\$916
Seguros propostos:	Rs.	45,697:500\$000
Sinistros Pagos:	Rs.	346:819\$300
Na sua secção de seguros terrestres e maritimos - A Equitativa - constituiu uma Reserva especial de:	Rs.	387:344\$877

O progresso constante da **A Equitativa** é visivel. Até hoje monta á Rs. 1,824:240\$840 a somma paga pela **A Equitativa** por sinistros de suas apolices sendo: Rs. 1,655:819\$300 na secção vida e Rs. 168:421\$540 na secção Maritima e Terrestre. Como Sociedade **Puramente Mutua** os lucros da

A EQUITATIVA

pertencem aos seus mutuarios exclusivamente.

Apolices resgataveis EM DINHEIRO por sorteio em vida do segurado.

Exclusiva invenção da **A Equitativa** que já sorteiou 14 apolices no valor de Rs. 70:000\$000

7, RUA DA CANDELARIA, 7

RIO DE JANEIRO

Pedir tabellas e prospectos na sua séde, e com todos os agentes da **A EQUITATIVA**

KÓSMOS

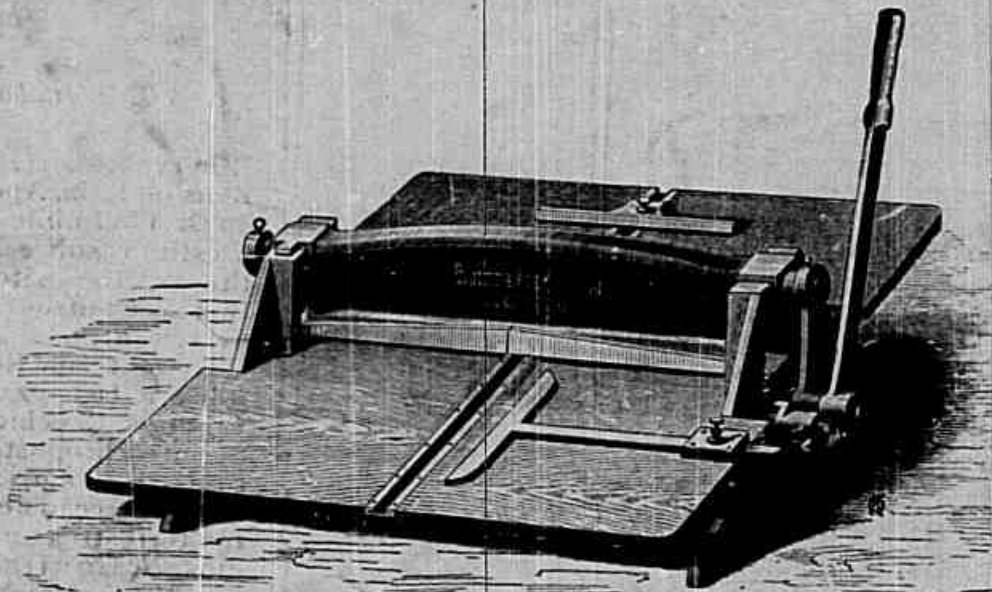
ARTES GRAPHICAS

CAIXA DO CORREIO 994

TELEPHONE N. 1106

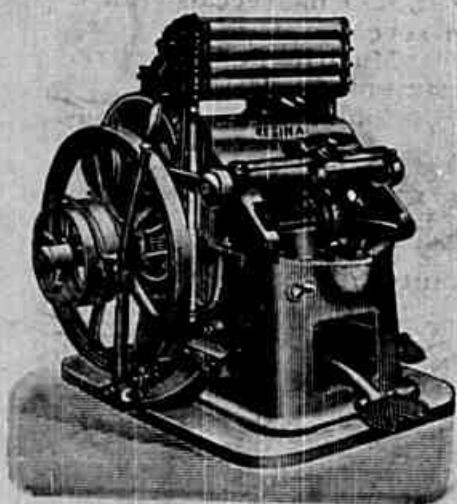
Temos sempre em deposito:

Tintas Typographicas,
Lithographicas,
Vernizes e Grande
Variedade de Typos

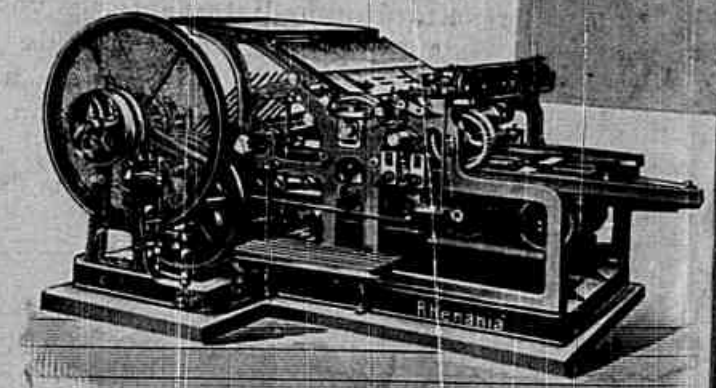


Massa para Rolos,
Araes para Cozer,
Zinco, Cobre e Ma-
deira para Gravuras.

UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO



MATERIAL PARA STEREOTYPIA
MACHINAS
PARA IMPRESSÃO ETC.



Augusto Niklaus & Co.

Rua da Quitanda N. 54

RIO DE JANEIRO

OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

— J. SCHMIDT —

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS

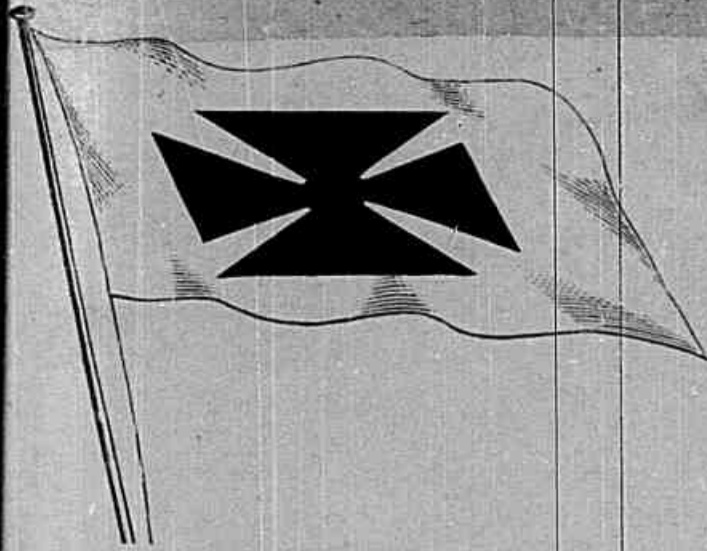
COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

24, RUA DA ALFANDEGA, 24

* * * * * RIO DE JANEIRO * * * * *

Empresa Marítima Brasileira



32—RUA DA ALFANDEGA—32

(2.º ANDAR)

* * * * * ENDEREÇO TELEGRAPHICO ZAMARA * * * * *

PROPRIETARIA DO MAIOR VAPOR QUE NAVEGA COM A BANDEIRA BRAZILEIRA

SÃO LUÍZ

de 5000 toneladas de carga, navegação para os portos do Norte, do Sul e Rio da Prata.

FILTROS MALLIÉ

(SYSTEMA PASTEUR)

sterilisação *absoluta* pela porcelana de amianto

Superiores a todos os outros até hoje conhecidos



A maior facilidade para instalação e limpeza! Simplicidade e elegancia! Numerosos premios

* * em todas as exposições * *

UNICOS AGENTES PARA

* * * todo o Brazil: * * *

A. ABREU & C.^{IA}

102, Rua da Quitanda, 102
(Sobrado).

RIO DE JANEIRO

Catalogos e prospectos á disposição do publico.



JONH ROHE

Cirurgião Dentista

CONSULTORIO: RUA DO HOSPICIO N. 125 1.º ANDAR

DUBONNET

○ MELHOR APERITIVO ○

ROTISSERIE AMERICAINE

ROGELIO & AREAL

50 — Rua Gonçalves Dias — 50

SERVIÇO DE 1.º ORDEM

GRANDE SALÃO DE BILHARES NO 1.º ANDAR



ARTES GRÁFICAS

Caixa do Com

994

Telephone 11

Temos sempre em deposito:
TINTAS TYPOGRAPHICAS, LITHOGRAPHICAS,
VERNIZES, GRANDE VARIEDADE DE TYPOS,
MASSA PARA ROLOS, ARAMES PARA COZER,
ZINCO, COBRE E MADEIRA PARA GRAVURAS.

UTENSÍLIOS PARA: COMPOSIÇÃO - IMPRESSÃO

MATERIAL PARA STEREOCTYPIA ~ ~

~ ~ MACHINAS PARA IMPRESSÃO ETC.

Augusto Niklaus & Co.

Rua da Quitanda, 54

RIO DE JANEIRO